THESOURO DO TROVADOR

THESOURO
DO
TROVADOR

SELECÇÃO DE CANÇÕES E RECITATIVOS
COLLIGIDOS POR JOÃO DINIZ

E

PREFACIADOS

PELO

DR. JOSÉ SIMÕES DIAS

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
Ernesto Chardron, Editor
Porto e Braga

1878

Á MOCIDADE

PORTUGUEZA E BRAZILEIRA

DEDICA

O Collector.

Duas Palavras

O livro que vai lêr-se não prefigura intuitos immodestos. Nem tenta aprofundar e resolver problemas sociaes controvertidos, cimentar em bases novas alguma escóla litteraria mal avinda com o seculo, nem tão pouco preencher lacunas hiantes no seio da litteratura portugueza. Este volume não tem a audacia de suppôr que tem diante de si erguidas cumiadas a escalar, horisontes vastos a percorrer, veredas desconhecidas a rotear. O seu proposito é modestissimo: quer aligeirar algumas horas de tedio proporcionando a

quem o lêr os agradaveis desenfados d'uma poesia boa, sadia, attrahente e variada.

Quer pouco e quer muito: passar o tempo é pouco; passar bem o tempo é muito.

E por isso mesmo que é tal o civilisador e grato intuito d'esta collecção, devemos confessar em boa e leal verdade que não é de somenos valia a obra que o diligente e circumspecto collector hoje deposita nas benevolas mãos do publico.

Se esta nova chrestomathia já hoje não tem aquella alta importancia critica que tiveram os velhos cancioneiros portuguezes dos seculos XIII a XVI, como elementos preciosos de reconstrucção biologica, philologica e historica, em razão do novo meio litterario em que apparece, nem por isso deixará de ser apreciada pelos entendidos, já pela razão apontada, já porque sem traduzir um pensamento de escóla, um criterio individualista, uma tendencia exclusiva, um principio isolado, como que crystallisa n'um todo variado

—❧—

sem ser discordante, harmonico sem ser monótono, uma synthese brilhante da moderna poesia nacional.

Livro que é um ramilhete para os olhos, musica suave para os ouvidos, objecto de estudo para o espirito; enlace precioso do que ha de mais refinadamente rhythmico e gracioso para enlevo do coração e do que ha de mais subtilmente mysterioso e profundo para soerguer o entendimento philosophico.

Jardim oloroso, onde a variedade das flôres não destróe, antes completa a symetria da disposição; onde ha côres para todos os olhos, aromas para todos os olfactos, mimos para todos os paladares; repositorio da alma portugueza que chora e ri, duvída e crê, vive e agonisa, soluça e canta, desmaia e resurge, escabuja como um naufrago e espera como um vidente.

Tal é a indole d'este livro. Podia ser uma inutilidade das muitas que avergam as estantes dos livreiros, um pleonasmo atirado co-

—❧—

mo um tapulho ao seio da fermentação revolucionaria do seculo, mas não é. É como que o substractum luminoso de tudo quanto a musa portugueza produziu de mais encantador nos ultimos tempos.

Se fosse um cadastro de poetas, um florilegio de versos colhidos a esmo, teria apenas o insignificante valor d'uma ementa bibliographica.

É mais do que isto: a presente collecção de canções nacionaes tão populares como as de Beranger e Aguilera, formada longe do alcance dos despeitos pessoaes e das paixões de escóla, no santuario d'um espirito culto, sob a influencia d'um criterio apreciavel, ha-de contribuir para radicar o gosto pela bella poesia portugueza; ha-de concorrer como elemento positivo para demonstrar o principio da solidariedade intellectual da nossa época; e vingar para o julgamento do futuro alguns nomes esquecidos ou mal avindos com as recentes innovações.

Para os que tem cultura bastante que lhes permitta avaliar a importancia litteraria dos antigos cancioneiros e modernos parnasos lusitanos; para os que conhecem o valor critico das chrestomathias poeticas, tão numerosas na Allemanha, na França, na Italia, na Hespanha e nos demais paizes cultos, não será esta collecção de canções selectas um livro dispiciente, nem desprezado o serviço que o benemerito collector offerece á litteratura do seu paiz.

É um livro preciso e um serviço relevante.

J. Simões Dias.

THESOURO DO TROVADOR

A ROSA

(Alexandre Herculano)

Pura em sua innocencia,
Entre a sarça espinhosa,
Purpúrea esplende, inda em botão intacto,
Na madrugada a rosa.

É da campina a virgem
A pudibunda flôr;
Em seus effluvios matutina briza
Bebe o primeiro amor.

—❧—

O sol inunda as veigas;
Calou-se o rouxinol;
E a flôr, ébria de gloria, á luz fervente,
Desabrochou-a o sol.

O sôpro matutino
No seio seu pousára;
Prostituida a luz, fugiu-lhe a briza,
Qua a linda rosa amára.

Bella se ostenta um dia;
Saúdam-na as pastoras;
Dão-lhe mil beijos, gorgeando, as aves;
Vôam de gozo as horas.

Lá vem chegando a noite,
E ella empallideceu:
Incessante prazer mirrou-lhe a seiva,
A rosa emmurcheceu.

Desce o tufão dos montes,
Os mattos sacudindo;
Desfallecida a flôr desprende as folhas,
Que o vento vai sumindo.

Onde estará a rosa,
Do prado a bella filha?
O tufão, que espalhou seus frageis restos,
Passou; não deixou trilha.

Da sarça a flôr virente
Nasceu, gozou, e é morta:
E a qual d'esses amantes de um momento
Seu fado escuro importa?

Nenhum, nenhum por ella
Gemeu saudoso á tarde;
Não ha quem junte as derramadas folhas,
Quem amoroso as guarde.

Só da manhã o sôpro,
Passando no outro dia,
Da rosa, que adorou, quando a innocencia
Em seu botão sorria;

Junto do tronco humilde
O curso demorando,
Veio depositar perdão, saudade,
Queixoso susurrando.

De quantas és imagem,
Oh desgraçada flôr!
Quantos perdões sobre um sepulchro abjecto
Tem murmurado o amor!

BARCA BELLA

(Garrett)

Pescador da barca Bella,
Onde vaes pescar com ella,
    Que é tão bella,
    Ó pescador?

Não vês que a ultima estrella
No céo nublado se vela?
    Colhe a véla,
    Ó pescador!

—⁂—

Deita o lanço com cautela,
Que a sereia canta bella...
Mas cautela,
Ó pescador!

Não se enrede o remo n'ella,
Que perdido é remo e véla
Só de vêl-a,
Ó pescador!

Pescador da barca Bella,
Inda é tempo, foge d'ella,
Foge d'ella,
Ó pescador!

SERENATA

(Simões Dias)

Murmura o trépido arroio
Além na veiga a distancia,
E das auras a fragrancia
Vem embalsamando a rua;
Canta alegre na guitarra
O trovador namorado,
Da terra aos céos elevado
Nos frescos beijos da lua.

—⁂—

Olha que noite formosa
Para conversa d'amores!
Desata o laço de flôres
Que tuas tranças conteve;
Mal sabes tu quanto eu amo
Vêr teus compridos cabellos
Desfazerem-se em novêllos
Sobre teu collo de neve!

Olha as estrellas, que lindas!
Parecem no azul celeste
Que Deus com ellas se veste,
Por essa noite, de gala!
Acorda, acorda! a guitarra
Que por ti geme e suspira,
Nas ancias do amor delira,
De tanto cantar estala!

«Avè Maria purissima!»
Conclama o sereno e passa;

Nem luz nem sombra esvoaça
Pelas proximas janellas:
Que bem fadado silencio!
Sobre os passeios da rua
Apenas campêa a lua
E ao pé da lua as estrellas!

Hora propicia aos amores!
Não a deixes ir passando,
Que eu não sei a hora nem quando
Outra vez serei comtigo:
No teu balcão te debruça,
E se é que estranho tormento
Te repassa o pensamento,
Esquece-o e canta commigo.

Cantemos, nobre andaluza,
Em quanto a noite o consente,
N'esta guitarra dolente
Que geme sob os meus dedos.

—❧—

Descerra as amplas vidraças
E pelas grades que vejo
Vem receber-me n'um beijo
Do meu amor os segredos.

«Avè Maria!» lá torna
Clamando o sereno agora;
Meu flebil rosto descora,
Ó virgem dos sonhos meus!
Cahe-me a guitarra dos braços
Ao som da trova ardentissima...
«Avè Maria purissima!»
Lá vem o sereno; adeus!

A ANDORINHA

(Castilho)

Gentil andorinha,
Que vens annualmente,
Na bella estação,
Tecer-me visinha,
O ninho innocente
Da tua affeição;

—❦—

E a annuncios de inverno,
Temendo sentil-o,
Lá vaes, a cantar,
Refugio mais terno
Pedir ao teu Nilo,
De Memphis gozar!

Vem cá, passarinho!
Amor n'este peito
Não faz nunca assim!
É ninho e mais ninho;
Um ido, outro feito;
Renova-os sem fim.

Vêr um Cupidinho
Como abre as azitas
Tentando avoejar!
Este ainda no ovinho,
Est'outro as casquitas
Já quasi a largar!

Depois, os mais novos,
Apenas creados,
Produzem tambem;
De todos vem ovos;
Dos ovos, dobrados
Amores provém.

São taes seus clamores,
Que ás vezes abalos
De raiva me dão;
Mas tantos amores...
Como hei-de eu lançal-os
Do meu coração?

VITA NUOVA

(Guerra Junqueiro)

Ao vêr-te o languido rosto,
O olhar suavissimo e brando,
Como quem anda scismando
N'algum intimo desgosto;

Ao vêr-te aquella expressão
Dos olhos negros, profundos,
Que a gente pensa que estão
Pregados lá n'outros mundos...

Como o olhar d'um cherubim
Se enlaça no olhar de mãe,
Ao vêr-te scismar assim,
Fiquei scismando tambem.

Immerso em volúpia tanta
Pairava n'um dôce effluvio,
Como a barca sacrosanta
Sobre as aguas do diluvio.

Nem tu de certo imaginas
Todo o bem que me fizeste
Lançando ao pó das campinas
Teus olhos, lirio celeste!

Eu era a flôr que nasceu
Escondida entre os abrolhos;
Chegou-me a luz dos teus olhos
E vi logo a luz do céo.

Como andorinha ligeira
Leva no bico uma flôr,
Levaste-me a vida inteira
Nas azas do teu amor.

Quem tivera mil amores
Para todos t'os mandar,
Como um punhado de flôres
Que andam dispersas no ar...

Que martyrio inda não visto,
Ai! que martyrio sem fim,
Se eu podera ser o Christo
E tu a cruz de marfim!

Passei-te rente ao mirante
E dei de cara comtigo,
E tu lançaste ao mendigo
O teu olhar — um diamante...

E eu, levantando do chão
A esmola, o candido aljofre,
Metti-o dentro d'um cofre,
Metti-o no coração.

Meu coração é quadrante,
Quadrante do teu desejo,
Nas horas em que te vejo
Não marca mais que um instante.

Como alampada sombria
Baloiçando a froixa luz
Por defronte d'uma cruz
Toda a noite e todo o dia;

Assim paira esta minh'alma
Diante da alma tua...
Como paira incerta e calma
Pelos céos a luz da lua.

MINHA BARCA!

(Thomaz Ribeiro)

Minha barca, ao largo! ao largo!
Longe à praia, longe o mundo!
Ao sentir, que é tão profundo,
A soidão sómente apraz.
Fiquem lá na terra embora
Os mimosos da ventura;
Barca, dá-me a aragem pura,
As soidões, o ermo, a paz!

—❦—

Dá-me a paz que entre os humanos
Chamo em vão, e em vão desejo,
Onde busco e nunca vejo
O que pede o coração;
Onde espiam nos meus olhos
Um segredo, um sentimento;
E um ouvido ha sempre attento...
Barca, dá-me a solidão!

Prôa ao mar, e o rumo á sorte,
Minha barca airosa e bella!
Venha o sul! venha a procella!
Que te importa o temporal?
Sóbe as vagas! desce! vôa!
Rasga a véla! quebra o leme!
Coração triste não teme
Escarcéos, nem vendaval!

Adeus, patria! adeus, familia!
Adeus, prados! adeus, relvas!

Adeus, canticos das selvas!
Adeus, rosas dos salões!
Minha barca, solta e livre
Como a rosa destroncada,
Vai contente, acalentada
Entre os braços dos tufões.

Se eu achar por sepultura,
Ao fugir do mundo ás maguas,
Vosso abysmo, ó fundas aguas,
Quem pranteia o martyr? — Quem?
E se um vento bonançoso
Me encontrar sósinho e absorto,
E levar a barca a um porto,
Quem me acolhe alli? — Ninguem!

Minha barca, ao largo! ao largo!
Longe a praia, longe o mundo!
Ao sentir, que é tão profundo,
A soidão sómente apraz.

—❧—

Fiquem lá na terra embora
Os mimosos da ventura;
Barca, dá-me a aragem pura,
A soidão... a morte em paz!

A PARTIDA

(Soares de Passos)

Ai! adeus! acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado;
Sôa a hora, o momento fadado,
É forçoso deixar-te e partir.

Quão formosos, quão breves que foram
Esses dias de amor e ventura,
E quão cheios de longa amargura
Os da ausencia vão ser no porvir!

Olha em roda essas margens virentes:
Já o outono lhes despe os encantos;
Cedo o inverno com gélidos mantos
Baixará das montanhas d'além.

Tudo triste, sombrio e gelado,
Ficará sem verdura nem flôres;
Tal meu seio, privado d'amores,
Ficará de ti longe tambem.

Não sei mesmo, não sei se o destino
Me dará que te abrace na volta...
Ai! quem sabe se a vaga revolta
Levará meu perdido baixel?

Talvez longe de ti na tormenta,
Açoitado por ventos funestos,
Sumirá para sempre meus restos
Nas voragens d'ignoto parcel.

Mas ah! longe esta idéa sombria;
Longe, longe o cruel desalento!
Após dias d'amargo tormento
Virão dias mais bellos talvez.

Dá-me ainda um sorriso em teus labios,
Uma esp'rança que esta alma alimente,
E na volta da quadra florente
Eu co'as flôres virei outra vez.

Mas se as flôres dos campos voltarem
Sem que eu volte co'as flôres da vida,
Chora aquelle que em tumba esquecida
Dorme ao longe seu longo dormir.

E cada anno que o sôpro do outono
Desfolhar a verdura do olmeiro,
Lembre-te inda do adeus derradeiro,
D'este adeus que te disse ao partir.

LYRICA

(João de Deus)

A verde palma
Tem seu licôr,
Tem como a alma
Tem seu amor;
Tem como a hera
Tem seu abril,
Tem como a fera
Tem seu covil.

Tem toda a planta,
Que o sol queimou,
Lagrima santa
Que a orvalhou;
E o passarinho,
Que hontem nasceu,
Lá tem o ninho
Que a mãe teceu.

Só eu na magua
Do meu penar
Sou como a agua
Que anda no mar;
Sou como a onda
Que á busca vem
D'onde se esconda,
E onde, não tem!

Folha revolta
Que anda no chão,

Lagrima solta
Do coração;
Corpo sem vida,
Haste sem flôr,
Folha perdida
Do meu amor!

A LUA DE LONDRES

(João de Lemos)

É noite: o astro saudoso
Rompe a custo o plumbeo céo;
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, humido véo;
Traz perdida a côr de prata,
Nas aguas não se retrata,
Não beija no campo a flôr;
Não traz cortejo d'estrellas,
Não falla de amor ás bellas,
Não falla aos homens de amor.

Meiga lua, os teus segredos
Onde os deixaste ficar?
Deixaste-os nos arvoredos
Das praias d'além do mar?
Foi na terra tua amada,
N'essa terra tão banhada
Por teu limpido clarão?
Foi na terra dos verdores,
Na patria dos meus amores,
Patria do meu coração?

Oh! que foi! Deixaste o brilho
Nos montes de Portugal,
Lá onde nasce o tomilho,
Onde ha fontes de crystal;
Lá onde viceja a rosa,
Onde a leve mariposa
Se espaneja á luz do sol;
Lá onde Deus concedera
Que em noites de primavera
Se escutasse o rouxinol.

Tu vens, ó lua, tu deixas
Talvez ha pouco o paiz,
Onde do bosque as madeixas
Já tem um flóreo matiz;
Amaste do ar a doçura,
Do azul céo a formosura,
Das aguas o suspirar;
Como has-de agora entre os gelos
Dardejar teus raios bellos,
Fumo e nevoa aqui amar?

Quem viu as margens do Lima,
Do Mondego os salgueiraes,
Quem andou por Tejo acima
Por cima dos seus crystaes,
Quem foi ao meu patrio Douro
Sobre fina arêa d'ouro
Raios de prata esparzir,
Não póde amar outra terra,
Nem sob o céo d'Inglaterra
Dôces sorrisos sorrir.

—❧—

Das cidades a princeza
Tens aqui; mas Deus igual
Não quiz dar-lhe essa lindeza
Do teu e meu Portugal;
Aqui, a industria e as artes,
Além, de todas as partes,
A natureza sem véo;
Aqui, ouro e pedrarias,
Ruas mil, mil arcarias,
Além, a terra e o céo!

Vastas serras de tijolo,
Estatuas, praças sem fim,
Retalham, cobrem o solo,
Mas não me encantam a mim:
Na minha patria uma aldêa
Por noites de lua cheia
É tão bella e tão feliz!
Amo as casinhas da serra
Co'a lua da minha terra,
Nas terras do meu paiz.

Eu e tu, casta deidade,
Padecemos igual dôr,
Temos a mesma saudade,
Sentimos o mesmo amor:
Em Portugal, o teu rosto
De riso e luz é composto,
Aqui, triste e sem clarão;
Eu lá, sinto-me contente,
Aqui, lembrança pungente
Faz-me negro o coração.

Eia, pois, ó astro amigo,
Voltemos aos puros céos,
Leva-me, ó lua, comtigo
Preso n'um raio dos teus;
Voltemos ambos, voltemos,
Que nem eu nem tu podemos
Aqui ser quaes Deus nos fez;
Terás brilho, eu terei vida,
Eu já livre, e tu despida
Das nuvens do céo inglez.

A BORBOLETA

(Bocage)

Veloz borboleta,
Que leda girando,
Penosas idéas
Me estás avivando;

Insecto mimoso,
Aos olhos tão grato,
Da minha tyranna
Tu és o retrato;

A graça, que ostentas
Nas plumas brilhantes,
Tem ella nos olhos
Gentis, penetrantes;

Tu andas brincando
De flôr para flôr,
Anarda vaguêa
De amor em amor.

CHORA!

(C. C. Branco)

Tão longe vives dos anjos!
Este mundo é-te um deserto,
E, tão perto,
Quando cantas,
Sons divinos,
Sons do céo ouço em teus hymnos!

Eu não sei, virgem, que mágoas
Podem ser, tão cedo, as tuas!
Já fluctuas
Sobre a onda
Inclemente
Da paixão que turba a mente?

Por ventura já sentiste,
Ao colher singelas flôres,
Essas dôres
Que torturam
Com violencia
Uma esp'rança, uma existencia?

Oh! quem sabe os teus segredos!
Ninguem diz, ao vêr tão bella
Uma estrella,
Se, bem cedo,
Nevoa densa
Vem toldar-lhe a luz intensa!

Ninguem diz o preço amargo
D'uma lagrima vertida;
Quando a vida
Tanto engana,
Quem te diz
Que ser bella é ser feliz?

Ai! se ao brilho de teus olhos,
Se a teus labios, se á lindeza
Fosse presa
Amiga sorte...
Que ventura
Te não dera a formosura!

Se aos teus dons de singeleza,
Que a virtude em ti excita,
Feliz dita
Se ligasse...
Não terias,
Não, rival nas alegrias.

Se a fortuna cá na terra
Se comprasse com thesouro
Farto d'ouro,
Bem podéras
Tudo vêr
Pelo prisma do prazer.

Mas tu choras, insensivel
Aos consolos que te dei!
Ah! já sei
O mysterio
D'essa dôr!
Chorar tanto... só d'amor!

NA CAMPA DA VIRGEM

(Junqueira Freire)

Oh virgem! — na campa que tem teu cadaver
Estive inclinado, — joelhos no chão;
Co'o triste alaúde coberto de crepe
Tentei entoar-te funerea canção.

Minh'alma em sublime delirio voava,
Minh'alma voava, sahia de mim;
Meu triste alaúde coberto de crepe
Ficou n'uma estatua de duro marfim.

—⁂—

Minh'alma voava suspensa no espaço,
Minh'alma voava, por onde, não sei;
Aos lados e acima sómente o infinito,
Por baixo sómente sepulchros achei.

E tudo deserto, — silencio de tumbas,
Vastissimo aspecto d'immensa soidão;
E tudo expirava bellezas horriveis
D'um mundo que d'homens não póde ser, não.

Então repentina no vago do espaço
Não sei que harmonia que ouvi, que rompeu;
Não sei se partia de vozes estranhas,
Não sei se partia do espirito meu.

TRES FLORES

(Coelho Louzada)

O desejo é cravo esplendido·
Todo fogo, incendiado;
Lindo, lindo; mas tocado
Murcho cahe no chão da vida:
A amizade é cecem candida;
Matiz não tem, vivos lumes,
Mas em paga seus perfumes
Supprem bem a côr perdida.

O amor é rosa mystica,
Sonhado na quadra pura;
Mas nasce a tamanha altura,
Que nem a todos é dada:
Tem do cravo os fogos rútilos,
Da amizade a pura essencia;
Fragrancia, que esta existencia
Faz par'cer curta, encantada.

É a açucena mais vívida,
Mas cortada, não florece;
Não renova, pois fenece
Com o aroma o seu verdor:
Da rosa dura a fragrancia
Tempo infindo — a eternidade;
Cortada, nasce a saudade,
Triste, sim, mas linda flôr.

O BAILE

(Pinheiro Chagas)

Era no baile esplendido!
Giravam rodopiantes
As damas palpitantes
No louco turbilhão,
Curvando as frontes pállidas
Das valsas ao delirio,
Como se curva o lirio
Da tarde á viração!

Dos lustres a luz trémula
Rostos illuminava,
Onde o prazer brilhava
Tendo por baixo... a dôr!
E entanto, ó lua tímida,
Tu, que sorrindo passas,
Batias nas vidraças
Com pállido fulgor!

Aqui sorrisos pérfidos!
Palavras refalsadas!
Co'as flôres desfolhadas
D'envolta as illusões!
Da natureza mágica
No seio almo e fecundo
É que se encontra o mundo
Das candidas visões!

Mas ah! na valsa rápida
Accendem-se os desejos;

Fremem nos labios beijos,
Buscando os seios nús!
A tentação aninha-se
Nas tranças ondeadas,
Nas boccas perfumadas,
Do olhar na ardente luz!

Esse perfume tépido
Que um lindo rosto exhala,
Esse tremor da falla,
Do seio o palpitar;
O olhar humido e lánguido,
A fronte já pendida...
Foge a razão e a vida
No immenso delirar!

O CEDRO DA MONTANHA

(Mendes Leal)

Folha a folha cahe por terra
Do bosque o manto virente:
Tambem o cedro alteroso
O rigor do inverno sente.

Fôra o cedro dos mais troncos
Invejado em toda a idade,
Por ser só e por ser grande,
Por ter gloria e magestade.

Já longo tempo brilhára
Em pompa, gala e verdor,
Ás debeis mattas do valle
Causando assombro e terror.

Mas eis que o vento do sul
Leva as ramas invejadas,
E alastra o dorso da serra
De seccas folhas mirradas.

Adeus, brilho! adeus, grandeza!
Triste o cedro lastimoso
Ergue os braços descarnados,
E inclina o cimo choroso.

Nem mysterios annuncia,
Nem dá sombras a quem passa,
Nem causa inveja aos mais troncos,
Fêl-os iguaes a desgraça!

Folha a folha cahe por terra
Do bosque o manto virente:
O cedro, bem que alteroso,
O rigor do inverno sente.

ÁMANHÃ

(Bulhão Pato)

Resta um dia, mais um dia,
Algumas horas ainda
De amor, de ternura infinda!
Ámanhã nos olhos teus
Uma lagrima sentida,
Em teus labios um adeus!
O instante da despedida
Tão perto está... Minha vida,

Crava teus olhos nos meus;
Um sorriso, um beijo ainda,
Mais um'hora de ternura,
De amor, de alegria infinda
Antes d'esse longo adeus!

Adeus de tanta amargura!
Sabe Deus, oh! sabe Deus
Quando outros dias virão
Tão gratos ao coração;
Quando n'essa face linda
Verei sorrir a ventura!
Mas agora um beijo ainda
Antes que chegue o momento
De soltar o extremo adeus!

Oh! tira do pensamento
A hora da despedida;
Mais um instante de vida,
De delicia e gloria infinda!

—❖—

Ámanhã! ai! não me lembres
De tal dia de amargura!
Crava teus olhos nos meus;
Inda um'hora de ventura,
De amor, de alegria infinda
Sorrindo nos olhos teus!
Um beijo, mais outro ainda!
O derradeiro! oh! adeus!

TRIGUEIRA

(Julio Diniz)

Trigueira! que tem? Mais feia
Com essa côr te imaginas?
Feia! tu, que assim fascinas
Com um só olhar dos teus!
Que ciumes tens da alvura
D'esses semblantes de neve!
Ai, pobre cabeça leve!
Que te não castigue Deus!

Trigueira! se tu soubesses
O que é ser assim trigueira!
D'essa ardilosa maneira
Por que tu o sabes ser;
Não virias lamentar-te,
Toda sentida e chorosa,
Tendo inveja á côr da rosa,
Sem motivos para a ter.

Trigueira! por que és trigueira
É que eu assim te quiz tanto;
D'ahi provém todo o encanto
Em que me traz este amor.
E suspiras e murmuras!
Que mais desejavas inda?
Pois serias tu mais linda
Se tivesses outra côr?

Trigueira! onde mais realça
O brilhar d'uns olhos pretos,

—✾—

Sempre humidos, sempre inquietos,
Do que n'uma côr assim?
Onde o correr d'uma lagrima
Mais encantos apresenta?
E um sorriso, um só, nos tenta,
Como me tentou a mim?

Trigueira! E choras por isso?
Choras, quando outras te invejam
Essa côr, e em vão forcejam
Por, como tu, fascinar?
Ó louca, nunca mais digas,
Nunca mais, que és desditosa;
Invejar a côr da rosa,
Em ti, é quasi peccar.

Trigueira! Vamos, esconde-me
Esse choro de criança.
Ai, que falta de confiança!
Que graciosa timidez!

Enxuga os bonitos olhos;
Então! não chores, trigueira,
E nunca d'essa maneira
Te lamentes outra vez.

A CONFESSADA

(Palmeirim)

Que diria a confessada,
Sendo tão envergonhada,
Ao confessor?
Se lhe diria sem pejo
Segredos d'aquelle beijo
De tanto amor!

—❦—

Se lh'o diria! Não disse,
Olha p'ra mim e sorri-se,
Não disse, não!
Nem sei se devam donzellas
Revelar cousas d'aquellas
Em confissão.

Um beijo não é peccado,
Se foi aceito e foi dado
Sem mau pensar;
Peccado talvez seria
Negar-se com tyrannia
D'um beijo dar.

Talvez agora, sem tino,
Contasse o beijo divino
Que hontem me deu!
O padre ralha com ella!
Não contes, meiga donzella,
O beijo teu!

—※—

Não contes. Não vale a pena,
Por culpa leve e pequena,
    Trahir amor;
Nem um beijo recatado
Deve ser por ti contado
    Ao confessor.

Tambem as rosas vicejam,
As rôlas tambem se beijam
    Sem o dizer;
Tambem livres nas campinas,
Se entrelaçam as boninas
    Sem se temer.

Tambem as brizas dão beijos,
Tambem ardem em desejos
    Sem se occultar;
Tambem na praia distante
Expira a vaga espumante
    Sem se queixar.

Tambem tu... Ella não disse,
Olha p'ra mim e sorri-se,
    Não disse, não;
Nem devem nunca donzellas
Revelar cousas d'aquellas
    Em confissão.

UM SONHO

(Faustino de Novaes)

Escuta, Elvira!... Vou contar-te um sonho,
Bello, risonho, que uma vez sonhei;
Inda, ao lembrar-me d'esse gozo brando,
Se estou sonhando, se a pensar... não sei!

No véo da noite, que a voar fugia,
Raios do dia penetrando eu vi;
E a luz que d'arte seu fulgor mantinha,
Da luz que vinha já tremia alli!

Fugia o somno, dos mortaes regalo,
Breve intervallo de fadiga atroz;
Que a branca aurora negro véo rasgava,
Longe bradava do tambor a voz.

Ia o campino, da cabana pobre
Que ao mundo encobre tão feliz viver,
Com prazer n'alma, de socego cheia,
Na terra alheia seu suor verter.

Cantos suaves, divinaes gorgeios,
D'enlevo cheios, a subir ao ar,
Vinham ás maguas que me andavam n'alma,
Repouso, e calma, por momentos dar.

O novo dia, como o dia findo,
Surgia ouvindo matinal canção;
Chamando os homens ao trabalho, á vida,
Diurna lida começava então.

Ai!... minha Elvira!... como foi risonho,
Suave, o sonho que eu então sonhei!
Olha... inda agora, que t'o vou contando,
Se estou sonhando, se a pensar... não sei!

Á luz nascente levantando a fronte,
Lá no horisonte nuvem branca eu vi:
Candida neve, no rigor da alvura,
Seria escura collocada alli.

Já viste o cysne, que do lago perto
N'um vôo incerto quer voar além,
E abrindo as azas, no bater serenas,
Mais niveas pennas amostrar-nos vem?

Assim a nuvem, que se abrira ao meio,
Rasgando o seio, novo sêr mostrou;
Candido vulto, magestoso, lindo,
Meigo, sorrindo, que do céo baixou.

Alva roupagem, vaporosa e leve,
Rival da neve, qual virgineo véo
Deixava aos olhos, que inundavam prantos,
Prevêr encantos que só ha no céo!

Dos ternos olhos, onde amor fallava,
Pura emanava seductora luz,
Pallida e bella, como a luz da lua,
Se em noite sua com fulgôr seduz.

Mostrava a face divinal candura;
Leve tintura lhe animava a côr;
Era a açucena do jardim, mimosa,
Ligada á rosa, n'um festim de amor.

Como a florinha na estação d'estio
Abre ao rocío que do céo lhe vem,
Abria os labios um sorriso ameno,
Puro, sereno, que a mulher não tem!

Mal podem cantos de sentida lyra
Dizer-te, Elvira, como ao céo subi,
Nas azas leves do prazer levado,
Quando a meu lado voz celeste ouvi!

Som deleitoso que o meu sêr prendia,
Quando eu ouvia que a feliz missão
Era jurar-me que lá d'alto vinha
Prender na minha, a delicada mão!...

Ouvi-lhe em phrases, como o som cadentes,
Votos ardentes d'um amor sem fim;
Deus ordenára que este amor profundo
Fosse no mundo premiado assim!

Alli colhiam da victoria as palmas
Ditosas almas que a paixão ligou;
E um dôce canto, d'harmonia immensa,
Filho da crença, para o céo voou!

Voz tão sonora, locução tão pura,
Tanta candura, quem podia ter?
Esse anjo, vindo d'eternaes espheras,
Se tu não eras, quem podéra ser?...

Eras, Elvira, que eu te vi chorando;
Mas... acordando n'esses gozos meus,
Cederam sonhos á cruel verdade!
Resta a saudade, teu amor e Deus!...

A ALVORADA

(Candido de Figueiredo)

Levanta-te! A alvorada
Desponta alegremente!
O rio é transparente,
A margem perfumada!

Oiçamos a linguagem
Da intima ventura,
E apreste-se a romagem
Aos templos da espessura!

A verde trepadeira
Aos templos fecha o cume;
Exhala-se um perfume
De flôr de laranjeira!

O vasto pavimento
É todo d'esmeralda!
A cada lado o vento
Baloiça uma grinalda!

Adejam os amores
Entre as folhudas naves;
Cantam em côro as aves;
Erguem incenso as flôres!

E as trémulas virgultas
Do sinceiral frondente
Inclinam-se, ás occultas,
No seio da corrente...

Vamos. A primavera
Vem pompeando galas,
Chovem rubís e opalas,
Inflora-nos Cythéra!

Levanta-te! A alvorada
É bella, resplendente!
A margem, perfumada;
O rio, transparente!

E pela ondeante margem
Revôam indecisos
Genios d'amor, que espargem
Aromas e sorrisos!

Sigámol-os ! Quem ha-de
Furtar o seio ás chammas,
Que pródiga derramas,
Eterna claridade ?

AMOR

(Ramalho Ortigão)

Eram tão lindos teus olhos,
Se tão languidos me viam;
Eram teus labios tão meigos,
Se fallavam, se sorriam,
Que em teus olhos e teus labios
Tanto vida então prendi,

Que, vivendo só por elles,
P'ra ti só então vivi.

E tão forte era o liáme
De prisão tão grata e bella,
Que dizendo — sympathia —
Mentiu-me o labio, donzella...
Só em vêr-te e em ouvir-te
Resumia tanto bem,
Que dizendo-te — amizade —
Mentiu-me o labio tambem.

Foi amor aquelle anhelo
Que no peito me brotava?
Foi amor o estro ardente
Que na lyra me rojava,
Quando a lyra, toda amores,
Te fallava então por mim?
Foi. Não mente o labio agora,
Se te vem jurar que sim.

Nas soidões tento debalde
Esmagar nascentes maguas
Que de ti soffria ausente.
O barulho alli das aguas,
O gemer além das auras,
O passar da briza aqui...
Da soidão as harpas todas
Me fallavam lá em ti!

E em sonhos, quantas vezes
Eu te via, só n'um beijo,
Revelar-me mil enlevos,
Mil desejos n'um desejo!
Esquecer-te quiz debalde:
Via sempre o gesto teu,
Quer dormindo, quer velando,
Na terra, no mar, no céo.

Foi um sonho... Despertado,
Abraçada n'um amante,

—❦—

Encontrei-te, já vencida
Por anceio delirante...
Oh! que dôr aos imos d'alma
Veia a veia me coou,
E a tão ardente vida
Represada me gelou!

D'esse amor que d'alma o viço
Nos abraza e nos consome,
D'esse amor que m'inspiraste,
Resta só, mulher, teu nome,
Como estrella que sósinha
Descórada inda reluz
E mais languida desmaia
Ao romper crastina luz.

Mas teu nome será sempre
O perfume d'esta vida,
A palma dos meus anhelos
Nos vergeis do céo colhida;

Té que ao ultimo suspiro
Ella fuja sem rumor
A fundir-se na harmonia
Que nos céos traduz amor.

ERMELINDA

(J. Pinto Ribeiro)

Pelas margens que o Douro domina
Divagava donzella gentil,
Mais serena que o sol que declina,
Mais formosa
Que a rosa
D'abril.

Descuidosa que Amor a percebe,
Pela fimbria do seu bello véo
Philtro impuro no seio lhe embebe,
De que a bella
Donzella
Morreu.

E nas margens que o Douro domina
Jaz em loisa sem letra ou lavor,
Mas ás virgens em torno a bonina
Diz que fujam,
Que fujam
D'amor.

DESTINO

(A. Soromenho)

Era á hora duvidosa
Do triste findar do dia;
A vaga, arquejando ao longe,
D'encontro ás rochas morria.

E eu, sósinho, sobre a praia,
Em febril desesp'ração,
Á tormenta, aos céos, á terra
Pedia consolo em vão.

Cançado, sem ter esp'rança
D'um allivio á minha sorte,
Ao acaso, sobre a arêa,
Gemendo puz: *Só a morte!*

Uma vaga pressurosa
Á praia veio correndo,
E uma syllaba apagando
Do que eu estava escrevendo;

Em lugar d'um pensamento
Funéreo, cheio de dôr,
Deixou vêr, á luz da esp'rança,
As palavras: *Só amor!*

A AVÓ

(Guilherme Braga)

A avó, nos trémulos dedos
Mal sustendo o leve fuso,
Ouve ao longe o som confuso
D'uns innocentes brinquedos.

— «Achando aberto o jardim,
Diz a velha, é sempre assim;

São como as aves inquietas.
Nem eu sei quem vôa mais:
Se os incansaveis pardaes,
Se as minhas queridas netas...»

E a avó, nos trémulos dedos
Fazendo girar o fuso,
Ouve a rir o som confuso
Dos taes longinquos brinquedos.

Eis principia a assomar
Da cadeira no espaldar
A face, risonha e linda,
D'uma das netas; e a avó,
Pensando que está bem só,
Falla das netas ainda.

Falla, e nos trémulos dedos
Fazendo girar o fuso,

Ouve a rir o som confuso
Dos taes longinquos brinquedos.

N'isto um rosario que está
Pendurado ha muito já
N'um dos braços da cadeira,
Escorrega e cahe ao chão
Por lhe haver tocado a mão
D'aquella infantil bréjeira...

E a avó, dos trémulos dedos
Deixando cahir o fuso,
Já não ouve o som confuso
Dos taes longinquos brinquedos;

Mas assustada, ao sentir
O seu rosario cahir,
Volta a nevada cabeça,
E inda distingue o rumor

Que faz pelo corredor,
A neta, fugindo á pressa.

E do cesto das meadas
A avó levantando o fuso,
Ouve a rir um som confuso
De longinquas gargalhadas.

VIDA OU MORTE?

(Antonio Corrêa)

Vem commigo. — Quando tudo
No mundo nos é traidor,
Quando o coração é mudo,
Que nos resta? a immensa dôr!

Então é flagello a vida,
E a imagem da morte vem
Junto a nós, e nos convida
Á paz que os tumulos tem!

E quem ha que troque o pranto
Que sempre se verte aqui,
Pelo asylo sacrosanto
Que da campa nos sorri?

O mundo que nos off'rece?
Seus gozos são sonhos vãos,
É sombra que se esvaece
Quando a julgamos nas mãos.

N'esse difficil caminho
Onde sonhamos laureis,
Colhemos só duro espinho
De soffrimentos crueis.

Deixa este mundo tão pobre
De sentimentos leaes,
Onde uma mascara encobre
Os pensamentos fataes.

—❧—

Se vês n'um rosto alegria,
Os risos mil vezes são
Véos, que occultam a agonia
Que tortura o coração.

A existencia é um sonho triste...
Vem quebrar seu froixo nó;
Teremos paz onde existe
Só dos tumulos o pó.

PERDÃO!

(Anthero de Quental)

Tenho cantado esperanças...
Tenho fallado d'amores...
Das saudades e dos sonhos
Com que embalo as minhas dôres...

Entre os ventos suspirando
Vagas, tenues harmonias,
Tendes visto como correm
Minhas doidas phantasias.

—❦—

E eu cuidei que era poesia
Todo esse louco sonhar...
Cuidei saber o que é vida
Só porque sei delirar...

Só porque á noite, dormindo
No seio d'uma visão,
Encontrava algum allivio
Meu dorido coração;

Cuidei ser amor aquillo
E ser aquillo viver...
Oh! que sonhos que se abraçam
Quando se quer esquecer!

Eram phantasmas que a noite
Trouxe, e o dia já levou...
Á luz d'estranha alvorada
Hoje minh'alma acordou!

Esqueci aquelles cantos...
Só agora sei fallar!
Perdoai-me esses delirios...
Só agora soube amar!

OLHOS VERDES

(Gonçalves Dias)

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança;
Uns olhos côr de esperança,
Uns olhos por quem morri;
Que, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,
Iguaes na fórma e na côr,
Tem luz mais branda e mais forte,
Diz uma—vida, outra—morte;
Uma—loucura, outra—amor;
Mas, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

São verdes da côr do prado,
Exprimem qualquer paixão,
Tão facilmente se inflammam,
Tão meigamente derramam
Fogo e luz do coração;
Mas, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

São uns olhos verdes, verdes,
Que podem tambem brilhar;

Não são de um verde embaçado,
Mas verdes da côr do prado,
Mas verdes da côr do mar;
Mas, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como se lê n'um espelho
Pude lêr nos olhos seus!
Os olhos mostram a alma,
Que as ondas postas em calma
Tambem reflectem os céos;
Mas, ai de mi!
Que não sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Dizei vós, ó meus amigos,
Se vos perguntam por mi,
Que eu vivo só da lembrança
De uns olhos côr de esperança,

De uns olhos verdes que vi!
Que, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Dizei vós: Triste do bardo!
Deixou-se de amor finar!
Viu uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos da côr do mar:
Eram verdes sem esp'rança,
Davam amor sem amar!
Dizei-o vós, meus amigos,
Que, ai de mi!
Não pertenço mais á vida
Depois que os vi!

CANÇÃO

(Gonçalves Crespo)

Mostraram-me um dia na roça dançando
Mestiça formosa de olhar azougado,
Co'um lenço de côres nos seios cruzado,
Nos lóbos da orelha pingentes de prata.
Que viva mulata!
Por ella o feitor
Diziam que andava perdido de amor.

—❖—

De em torno dez leguas da vasta fazenda
A vêl-a corriam gentis amadores,
E aos ditos galantes de finos amores,
Abrindo seus labios de viva escarlata,
Sorria a mulata,
Por quem o feitor
Nutria chimeras e sonhos de amor.

Um pobre mascáte, que em noites de lua
Cantava modinhas, lunduns maguados,
Amando a faceira dos olhos rasgados,
Ousou confessar-lh'o com voz timorata...
Amaste-o, mulata!
E o triste feitor
Chorava na sombra, perdido de amor.

Um dia encontraram na escura senzálla
O catre da bella mucamba vazio,

Embalde recortam piróǵas o rio,
Embalde a procuram nas sombras da matta.
Fugira a mulata,
Por quem o feitor
Se foi definhando, perdido de amor.

SAUDADES

(Casimiro d'Abreu)

Oh que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida,
Que os annos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flôres
N'aquellas tardes fagueiras
Á sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

Como são bellos os dias
Do despontar da existencia!
Respira a alma innocencia
Como perfumes a flôr!
O mar—é lago sereno;
O céo—um manto azulado;
O mundo—um sonho dourado;
A vida—um hymno d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
N'aquella dôce alegria,
N'aquelle ingenuo folgar!
O céo bordado d'estrellas,
A terra d'arômas cheia,
As ondas beijando a areia,
E a lua beijando o mar!

Oh dias da minha infancia!
Oh meu céo de primavera!

Que dôce a vida não era
N'essa risonha manhã!
Em vez das maguas d'agora,
Eu tinha n'essas delicias
De minha mãe as caricias
E os beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
— Pés descalços, braços nús —
Correndo pelas campinas
Á roda das cachoeiras,
Atraz das azas ligeiras
Das borboletas azues!

N'aquelles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava á beira do mar;

Rezava ás Avè-Marias,
Achava o céo sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

Oh que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flôres
N'aquellas tardes fagueiras,
Á sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

SÊ MINHA!

(Alexandre Braga)

Ai! quem perdeu, ó virgem,
A luz do eterno dia,
Paira sobre cadaveres
Como esfaimada harpia.

Eu não.—Pobre romeiro
Que sigo outro caminho,
Eu sei, eu sei os canticos
De teu placido ninho.

Dize-me pois: — « Sou tua,
Só tua, ó dôce amigo,
Que entre os córos angelicos
Quero vagar comtigo. »

Dize-m'o, e então desfeitos
Estes nublosos mantos,
Além da ethérea abóbada
Escutarás mil cantos.

A ROSA

(Gomes d'Amorim)

Lembras-te d'aquella rosa
Que ha oito dias me déste?
Como tinha a côr mimosa!
Como tinha o cheiro agreste!
Era a imagem do pudôr;
Porém eu já presentia
Que o teu amor morreria
Se murchasse aquella flôr!

N'um vaso d'ouro lavrado
Lhe dei da agua mais pura,
Tive com ella o cuidado
Que merece a formosura:
Não lhe faltou luz nem ar
Quando ella empallidecia,
Mas logo ao terceiro dia
Começou-se a desfolhar!

Dizer que chorei por ella,
Quem é que me acreditava?
Se, perdendo a rosa bella,
Era por ti que eu chorava!
Durou tanto o teu amor
Como a rosa que me déste,
Porque de mim te esqueceste
Apenas murchou a flôr!

ANJO D'AMOR

(Eduardo Augusto Salgado)

Anjo d'amor, porque choras?
D'esse azul dos olhos lindos
Nas lindas faces, de manso,
Duas lagrimas soltaste.
Que tens, Elisa? descoras!
Se tu dizes que são findos
Teus receios no remanso

—❦—

D'esse amor que me inspiraste,
Anjo d'amor, porque choras?

Porque se agita teu seio
Que sinto bater agora
Em redobres pulsações
Que te vedam respirar?
Se não te mata o anceio
Indefinido d'outr'ora,
Se a queda das illusões
Já te não póde matar,
Porque se agita teu seio?

Elisa, porque me dizes
Que não esqueça quem sou?
Bem conheço que annuvía
Tu'alma um negro cuidado.
Temos sido tão felizes
Com este amor que brotou
Em ambos no mesmo dia!...

—❧—

Se pensas no meu passado,
Elisa, porque m'o dizes?

Ah! sorri-me sempre assim:
Sempre em teus labios adejem,
Nascidos no coração,
Teus sorrisos de ventura
Que me dão ventura a mim.
Deixa que os anjos invejem
A nossa santa affeição,
Que não turva uma amargura
Em quanto sorris assim.

A SEGADORA

(Eduardo Vidal)

Segadora morenita,
    Tão bonita,
D'olhos pretos d'encantar:
Mais alegre, mais formosa
    Do que a rosa,
D'onde vens tu de ceifar?

—❧—

Negras tranças ondeadas,
Desatadas
Folgam no vento a correr;
Folga o vestido singelo,
Que o mais bello,
Mais bello pé deixa vêr!

Camponeza, onde nasceste,
Que pudeste
Tantas graças conseguir?
És d'Alhambra? não respondes?
Porque escondes
A meiga fronte a sorrir?

Onde nasceste?—Em Sevilha.
Maravilha
Como tu não cobre o céo;
Chamas-te Pepa?—Pepita.
Morenita,
Ai! que lindo é o nome teu!

Vem contemplar, segadora,
Mais um'hora,
Do campo o flóreo matiz;
Em quanto o sol brilhar vemos,
Cantaremos
As canções do teu paiz.

Camponeza feiticeira,
Tão ligeira
Não fujas do meu amor;
Que me levas a alma presa
Na belleza
D'esse rosto encantador!

Tu sorris, e vaes ávante
Doidejante,
Afastando-te de mim:
Não fosses tu morenita,
Ai, Pepita,
Que não te amaria assim!

A VAREIRA

(Pinheiro Caldas)

Nascida entre as finas arêas douradas
Que as margens guarnecem das praias d'Ovar,
Vagando nas ribas, d'espuma banhadas,
Risonha ventura me vem afagar.

Aqui, n'estes ermos,
É dôce viver;
Bem longe do mundo
Só gózo prazer.

E quando serenas se agitam as vagas
Qual peito de virgem que anceia d'amor,
E lá quando o vento descanta nas fragas
Um hymno sentido que envia ao Senhor;

Então no meu barco
Vou leda saltar,
E as velas desfraldo,
Voando no mar;

Voando, voando no dorso agitado
Da branca mareta bordada d'azul,
Qual vôa nos lagos o cysne nevado,
Por tardes calmosas, boiando taful.

E as fisgas e rêdes
Eu lanço no mar.
Que vida tão grata!
Que bello folgar!

—⁂—

Ás vezes de noite, por serras d'arêa,
Caminho, sósinha, cantando ao luar;
Eu vou á cidade, que ao longe campêa,
Vender os productos das pescas do mar.

Com dôces fadigas
Sustento meus paes;
Oh Ente Supremo,
Bemdito sejaes!

Nos imos do peito da humilde vareira
Não calam os sonhos de negra ambição;
As ondas, as rochas, a briza ligeira,
O limo das fragas, a arêa do chão...

Os gozos são estes
Dos ermos d'aqui;
Com elles me quero,
Com elles nasci.

Nos dias de festa—que trajo engraçado!
Eu visto um collete de fino carmim,
Um cinto verdinho, chapéo desabado,
—Que cousas tão lindas, tão gratas p'ra mim!

E a saia curtinha,
Com fitas d'anil,
Descobre os contornos
Da perna gentil!

E quando os mancebos seus olhos fitando
Nos meus, tão escuros, me fallam... d'amor...
Eu sinto nos labios o riso pairando,
Nas faces morenas eu sinto o rubòr;

Mas ai! que depressa
Se gela meu rir,
Que eu temo, medrosa,
Me queiram trahir.

Ai! serras, fraguedos, ai! vastas arêas,
Ai! terras da patria, quão gratas que são!
Ha laços mais fortes, mais dôces cadêas?
P'r'a filha das praias, por certo que não;

—Que eu vivo gostosa
Nas terras d'Ovar,
Vagando nos ermos
Á beira do mar.

DE DIA

(Cunha Vianna)

É dia! O astro enorme
Fulge no espaço aéreo,
Em quanto a noite dorme
Nos braços do mysterio.

É dia! O namorado,
O pállido Romeu,
Um canto maguado
Agora desprendeu...

Um canto que suspira,
Na paz das noites cálidas,
Por astros de saphira,
Por mil estrellas pállidas.

Um canto em que deseja
O que se implora em vão;
Um canto em que ama e beija
A pállida visão

Que lhe apparece rindo
Em sonho ardente e plastico
E lhe revela o infindo
Do seu amor phantastico.

D'est'hora tão dilecta,
De luz e de fulgôr,
Sómente jaz o poeta
Nas sombras e na dôr!

SEM NORTE

(Alberto Pimentel)

Rosa, que n'agua revolta
Cahiste, onde é que tu vaes
Sem norte, e girando solta,
Saudosa dos teus rosaes?

Folha, que o vento despega
E roja no turbilhão,
Quando serena a refrega?
Onde te leva o tufão?

—⁂—

Sois como eu. Vossas maguas
São irmãs da minha dôr:
Rosa, vaes solta nas aguas,
Tu, folha, vaes como a flôr.

Eu sou como vós. Sem vida,
Á mercê dos vendavaes:
Folha, e rosa, quem diria
A um de nós: «Onde vaes?»

CANÇÃO DO MARINHEIRO GREGO

(Theophilo Braga)

Já lancei ferro em Corintho;
Terra assim de gregas bellas
Nunca vi!
Por divas e por donzellas,
D'amor por todas, não muito,
Me perdi.

Faz-me esquecer essas maguas,
Minha barca aventureira!
Embala-me sobre as aguas
Da briza na aza ligeira.

Mas quando arribei a Athenas,
Doido amor! que dura guerra
Soffri eu!
Oh que saudades da terra,
Ao lembrar-me das sirenas
Do Pireu!

Embalada sobre as aguas,
Da briza na aza ligeira,
Faz-me esquecer essas maguas,
Minha barca aventureira!

Captivei fero pirata
E fui depois a Mileto
Refrescar;
Mas o amor me andava á cata...
Lá me deixei indiscreto
Captivar!

Minha barca aventureira
Embalada sobre as aguas,
Da briza na aza ligeira
Faz-me esquecer tantas maguas!

Do horror dos negros escolhos
Fugindo, uma vez em Delos
Hibernei;
Fui peor; vi lá uns olhos...
Como não morri ao vêl-os
Nem eu sei!

Minha barca aventureira,
Que importam passadas maguas?
Do vento na aza ligeira
Oh leva-me á flôr das aguas!

DESPEDIDA

(Julio Cesar Machado)

Dá-me n'esta hora solemne
De penosa despedida,
Um ultimo beijo, qu'rida,
Um abraço e um adeus!
E em procura d'outros céos
Vai depois cortando o espaço;
Oh! mas firma n'este abraço
Os mil juramentos teus!

Não te havia eu dito, louca,
Que teria pouca dura
O sol de tanta ventura
Dos nossos breves amores?
Onde existem os fulgores
De mil esp'ranças radiantes,
Que em tão rapidos instantes
Não deram fructo, mas flôres?

E agora, Laura, quem sabe,
Ai! quem sabe, minha vida,
Se ainda no mar esquecida
Findará essa paixão!
Chegando á tua nação,
Se já levarás no peito
Esse teu amor desfeito
Em olvido e ingratidão!

ÉS MINHA

(Dias d'Oliveira)

Tu és minha, como a folha
É do ramo onde nasceu;
Como os anjos e as estrellas
São do céo;

—❧—

Como o orvalho é das auroras,
Como é dos ventos o ar,
Como as ondas e as tormentas
São do mar;

Como a luz é dos espaços,
Como é do sol o calor,
Como os perfumes e as pétalas
São da flôr;

Como a perola é da concha,
Como o reflexo é da luz,
Como os dous braços do Christo
São da cruz;

Como as sombras são da noite,
Como a noite é do luar,
Como as imagens e as hostias
São do altar;

Como o aroma é de teus labios,
De teus olhos o fulgor,
Como as nossas almas juntas
São do amor!

Canta, canta, mavioso
Rouxinol!
Dize o adeus, o adeus saudoso
Do arrebol!

POR TI!

(E. Pinto d'Almeida)

Do precipicio á beira, transviado,
Perde-se o cego incauto
Se corre
P'ra alli;

—⁂—

O cego eu sou do amor que me devora;
Tu és o precipicio:
Eu perco-me...
Por ti!

AMOR

(Alvares d'Azevedo)

Amemos! quero d'amor
Viver no teu coração!
Soffrer e amar essa dôr
Que desmaia de paixão!
Na tua alma, em teus encantos
E na tua pallidez
E nos teus ardentes prantos
Suspirar de languidez!

Quero em teus labios beber
Os teus amores do céo,
Quero em teu seio morrer
No enlevo do seio teu!
Quero viver d'esperança,
Quero tremer e sentir!
Na tua cheirosa trança
Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzella,
Minh'alma, meu coração!
Que noite, que noite bella!
Como é dôce a viração!
E entre os suspiros do vento
Da noite ao molle frescôr
Quero viver um momento,
Morrer comtigo d'amor!

LYRICA

(Thomas Gonzaga)

Vou retratar a Marilia,
A Marilia, meus amores;
Porém como, se eu não vejo
Quem me empreste as finas côres?
Dar-m'as a terra não póde;
Não, que a sua côr mimosa
Vence o lirio, vence a rosa,
O jasmim, e as outras flôres.

Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os astros, vôa,
Traze-me as tintas do céo.

Mas não se esmoreça logo;
Busquemos um pouco mais;
Nos mares talvez se encontrem
Côres que sejam iguaes:
Porém não, que em parallelo
Da minha nympha adorada,
Perolas não valem nada,
E nada valem coraes.

Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os astros, vôa,
Traze-me as tintas do céo.

—✤—

Só no céo achar-se podem
Taes bellezas como aquellas
Que Marilia tem nos olhos
E que tem nas faces bellas:
Mas ás faces graciosas,
Aos negros olhos, que matam,
Não imitam, não retratam
Nem amoras, nem estrellas.

Ah soccorre, Amor, socorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os astros, vôa,
Traze-me as tintas do céo.

Entremos, Amor, entremos,
Entremos na mesma esphera;
Venha Pallas, venha Juno,
Venha a deusa de Cythéra:

Porém não, que se Marilia
No certame antigo entrasse,
Bem que a Páris não peitasse,
A todas as tres vencia.

Vai-te, Amor, em vão soccorres
Ao mais grato empenho meu!
Para formar-lhe o retrato
Não bastam tintas do céo.

OS CINCO SENTIDOS

(Garrett)

São bellas, bem o sei, essas estrellas,
Mil côres divinaes tem essas flôres;
Mas eu não tenho, amor, olhos p'ra ellas:
Em toda a natureza
Não vejo outra belleza
Senão a ti — a ti!

Divina, ai! sim, será a voz que afina
Saudosa, na ramagem densa, umbrosa;
Será; mas eu do rouxinol que trina
Não ouço a melodia,
Nem sinto outra harmonia
Senão a ti — a ti!

Respira n'aura que entre as flôr's gira,
Celeste incenso de perfume agreste.
Sei... não sinto; minh'alma não aspira,
Não percebe, não toma
Senão o dôce aroma
Que vem de ti — de ti!

Formosos são os pomos saborosos,
É um mimo de nectar o racimo:
E eu tenho fome e sêde... sequiosos,
Famintos meus desejos
Estão... mas é de beijos,
E só de ti — de ti!

Macia deve a relva luzidia
Do leito ser por certo em que me deito.
Mas quem, ao pé de ti, quem poderia
Sentir outras caricias,
Tocar n'outras delicias
Senão em ti — em ti!

A ti! ai! a ti só os meus sentidos
Todos n'um confundidos,
Sentem, ouvem, respiram,
Em ti, por ti deliram.
Em ti a minha sorte,
A minha vida em ti;
E quando venha a morte,
Será morrer... por ti!

A VOZ

(Alexandre Herculano)

É tão suave ess'hora
Em que nos foge o dia,
E em que suscita a lua
Das ondas a ardentia,

Se em alcantís marinhos,
Nas rochas assentado,
O trovador medita
Em sonhos enleiado!

O mar azul se encrespa
Co'a vespertina briza,
E no casal da serra
A luz já se divisa.

E tudo em roda cala
Na praia sinuosa,
Salvo o som do remanso
Quebrando em furna algosa.

Alli folga o poeta
Nos desvarios seus,
E n'essa paz que o cerca
Bemdiz a mão de Deus.

Mas despregou seu grito
A alcyone gemente,
E nuvem pequenina
Ergueu-se no occidente:

—❧—

E sóbe, e cresce, e immensa
Nos céos negra fluctua,
E o vento das procellas
Já varre a fraga nua.

Turba-se o vasto oceano,
Com hórrido clamor;
Dos vagalhões nas ribas
Expira o vão furor.

E do poeta a fronte
Cobriu véo de tristeza:
Calou, á luz do raio,
Seu hymno á natureza.

Pela alma lhe vagava
Um negro pensamento,
Da alcyone ao gemido,
Ao sibilar do vento.

—❦—

Era blasphema idêa
Que triumphava emfim;
Mas voz soou ignota
Que lhe dizia assim:

—«Cantor, esse queixume
Da nuncia das procellas,
E as nuvens, que te roubam
Myriadas de estrellas,

E o frémito dos euros,
E o estourar da vaga,
Na praia, que revolve,
Na rocha, onde se esmaga,

Onde espalhava a briza
Susurro harmonioso,
Em quanto do ether puro
Deseia o sol radioso,

Typo da vida do homem,
É do universo a vida:
Depois do afan, repouso;
Depois da paz, a lida.

Se ergueste a Deus um hymno
Em dias de amargura;
Se te amostraste grato
Nos dias de ventura,

Seu nome não maldigas
Quando se turba o mar:
No Deus, que é pai, confia,
Do raio ao scintillar.

Elle o mandou: a causa
D'isso o universo ignora,
E mudo está. O nume,
Como o universo, adora! » —

—✿—

Oh sim, torva blasphemia
Não manchará seu canto!
Brama a procella embora;
Pese sobre elle o espanto;

Que de sua harpa os hymnos
Derramará contente
Aos pés de Deus, qual oleo
Do nardo recendente.

CANTA QUE EU CHÓRO

(Simões Dias)

Silencio, guitarra minha,
Deixa ouvir, deixa cantar
Á branda luz do luar
A virgem que adoro e sigo;
Rumores que ides passando
Pelos roseiraes em flôr,
Vinde ouvir o meu amor
Sonhando amores commigo!

Mares que vindes á praia
Beijar a arêa e morrer,
Podeis de manso gemer,
Mas de mansinho, cautela...
Trovadores namorados
As vossas lyras calai,
Em quanto se solta e vai
Na aria d'amor a alma d'ella!

Harpas ethéreas, silencio!
Na lyra de um cherubim
Ella suspira por mim
O que eu por ella suspiro!
Aves da noite escondidas
Na folhagem do rosal,
Vinde ouvir vossa rival
Em quanto eu gemo e deliro!

Venha a natureza em extasis
Ouvir o harpejo subtil

D'aquella voz infantil,
Mysterio d'amor que adora.
Silencio, que a virgem sonha
Sonhos d'amor ao luar!
Deixai, deixai-a cantar
Em quanto o mundo a não chora!

DEVER

(Gomes d'Amorim)

Bem sei que devo fugir-te,
Que é meu destino perder-te;
Se não posso possuir-te,
Não posso tornar a vêr-te.
Mas como dizer-te adeus
Sem deixar comtigo a vida?
Quando fôr a despedida
De mim se dôam os céos!

Partir! levando a lembrança
De que eu só por ti vivia!
Partir! sem uma esperança
Para voltar algum dia!
E tu deixas-me partir?!
Mas, se amor por mim sentiras,
Do mundo, de Deus fugiras,
Para o amante seguir!

Oh! perdão! isto é demencia,
É saudade, amor e pena;
Porque a voz da consciencia
A fugir-te me condemna.
Nunca mais te posso vêr,
Nem seguir teus olhos bellos,
Nem teus formosos cabellos,
Nem por ti jámais soffrer!

E tu amavas-me? é verdade?
Choras por mim? isso basta.

Cale-se a voz da saudade,
Que o dever de ti me afasta.
Eu tambem chóro por ti!
Eu, que a ventura seguia,
Que á terra e céos a pedia,
Fugi d'ella quando a vi!

Não posso, nem devo amar-te;
Mas como apagar a chamma
Que, no instante de deixar-te,
Em vez de morrer, se inflamma?
Esquecer-te? oh! isso não!
O fugir é já bastante...
Para onde eu vá, teu semblante
Ha-de ir no meu coração!

E pódes tu ser ditosa
Não tornando mais a vêr-me?...
Tu, de amar-me descuidosa,
Has-de algum dia esquecer-me?

—✻—

Tuas maguas terão fim
Tendo tu novos amores?
A cidade, o campo, as flôres
Não te fallarão de mim?

Não soltarás um lamento,
Quando os suspiros sentidos
Que leva o sôpro do vento,
Chegarem a teus ouvidos?
Sabendo que são os meus,
Não sentirás, dôce amiga,
Este dever que me obriga
A dizer-te agora adeus?

Oh! se eu fôr de ti lembrado,
Volve logo os olhos bellos,
Que me verás a teu lado
Com a bocca em teus cabellos...
Cabellos que amor fadou
Para prender uma vida,

Que esta cruel despedida
Ao dever sacrificou!

Adeus, pois! adeus, querida!
Por te amar sou desgraçado!
Fôra menos dar-te a vida,
Que fugir tendo-te amado.
Levo morto o coração
Porque o levo sem ventura,
Morto por essa loucura
Que o mundo chama razão!

Adeus, pois! Se tu pensares
O quanto eu perco em perder-te;
Se algum dia te lembrares
Que jámais posso esquecer-te,
Lembra-te de quanto eu fiz!
E, se não fôres ditosa,
Despreza a razão odiosa,
Vem commigo ser feliz!

CANÇÃO

(Soares de Passos)

Que noite d'encanto!
Que lúcido manto!
Que noite! amo tanto
Seu mudo fulgor!
Oh! vem, ó donzella!
Não temas, ó bella,
Que a noite só vela
Quem sonha d'amor.

A luz infinita
Dos astros, crepita,
Arqueja e palpita,
Serena a brilhar:
Assim o teu seio,
De casto receio,
D'amor e d'enleio
Costuma pulsar.

A lua, qual chamma
Que os seios inflamma,
Fanal de quem ama,
Desponta no céo;
E a nitida fronte
Retrata na fonte,
E estende no monte
Seu candido véo.

E a fonte murmura
Por entre a verdura,

E ao longe da altura
Lá desce a gemer:
Que sons, que folguedos!
Parece aos rochedos
Dizer mil segredos
D'infindo prazer.

Silencio! o trinado
Lá solta enlevado,
Das noites o amado,
Da selva o cantor:
E o hymno que entôa
No bosque resôa,
E ao longe rebôa
Gemendo d'amor.

O facho da lua
Co'a sombra fluctua,
Avança e recúa
No chão do jardim;

Nas azas da aragem,
Que agita a folhagem,
Recende a bafagem
Da rosa e jasmim.

Que noite d'encanto!
Que lúcido manto!
Que noite! amo tanto
Seu mudo fulgor!
Oh! vem, ó donzella!
Não temas, ó bella,
Que a noite só vela
Quem sonha d'amor.

SCENA INTIMA

(Casimiro d'Abreu)

Como estás hoje zangada,
E como olhas despeitada
Só p'ra mim!
— Ora dize: esses queixumes,
Esses injustos ciumes
Não tem fim?

Que pequei eu bem conheço,
Mas castigo não mereço
Por peccar;
Pois tu queres chamar crime
Render-me á chamma sublime
D'um olhar!

Por ventura te esqueceste
Quando de amor me perdeste
N'um sorrir?
Agora em cólera immensa
Já queres dar a sentença
Sem me ouvir!

E depois, se eu te repito
Que n'esse instante maldito
— Sem querer —
Arrastado por magia
Mil torrentes de poesia
Fui beber!

Eram uns olhos escuros,
Muito bellos, muito puros,
Como os teus!
Uns olhos assim tão lindos
Mostrando gozos infindos,
Só dos céos!

Quando os vi fulgindo tanto
Senti no peito um encanto
Que não sei!
Juro fallar-te a verdade...
Foi de certo — sem vontade —
Que eu pequei!

Mas hoje, minha querida,
Eu dera até esta vida
P'ra poupar
Essas lagrimas queixosas,
Que as tuas faces mimosas
Vem molhar!

Sabe ainda ser clemente,
Perdôa um erro innocente,
Minha flôr!
Seja grande embora o crime,
O perdão sempre é sublime,
Meu amor!

Mas se queres com maldade
Castigar quem — sem vontade
Só peccou;
Olha, linda, eu não me queixo,
Aos teus pés cahir me deixo...
Aqui estou!

Mas se me déste, formosa,
De amor na taça mimosa
Dôce mel;
Ai! deixa que peça agora
Esses extremos d'outr'ora
O infiel!

—❦—

Prende-me... n'esses teus braços
Em dôces, longos abraços,
Com paixão;
Ordena com gesto altivo...
Que te beije este captivo
Essa mão!

Mata-me, sim... de ventura,
Com mil beijos de ternura
Sem ter dó,
Que eu prometto, anjo querido,
Não desprender um gemido,
Nem um só!

SAUDADES

(Thomaz Ribeiro)

Como os olhinhos da abelha
Attrahe o viço das flôres,
Levam-me a vida as saudades
Atraz d'aquelles amores.

Quero chorar... e não posso;
Quero fallar... e emmudeço;
Quero sorrir... e suspiro;
Quero viver... esmoreço!

Se eu fiz d'este amor um culto!
Se eu sou como ave estrangeira
Que viu partir seus amores
E aqui ficou prisioneira!

Se eu sou como alma penada
Que, envolta em lençol funéreo,
Anda a cumprir romarias
Em volta d'um cemiterio!

A quem perdeu tanto affecto
Ninguem nunca diga: «Esquece!»
Que se acaba o alento á vida
Quando a saudade esmorece!

NUVENS DA TARDE

(Anthero de Quental)

Aquellas nuvens, que vôam,
Ninguem póde pôr-lhes mão...
São como as horas que sôam,
E as aves, que em bando vão...
Como a folha desprendida,
E como os sonhos da vida,
Aquellas nuvens que vôam...

Ás vezes o sol, que as doura,
Parece á gloria leval-as...
Mas surge o vento e, n'um'hora,
Já ninguem póde avistal-as!
É um convite enganoso,
Um escarneo luminoso,
Ás vezes, o sol que as doura!

Tantos castellos cahidos!
Tantas visões dissipadas!
Gigantes, heroes perdidos,
Que mal sustêm as espadas!
Faz pena vêr, lá do monte,
Nas ruinas do horisonte,
Tantos castellos cahidos!

E as donzellas lastimosas,
Que vão fugindo tranzidas!
Quem fogem ellas anciosas?
Que buscam ellas perdidas?

Ó romances fugidios!
Vejo os tyrannos sombrios,
E as donzellas lastimosas!

Aquellas nuvens, que vêmos,
Esses poemas aéreos,
São os sonhos que nós temos,
Nossos intimos mysterios!
São espelhos fluctuantes
Das nossas dôres constantes
Aquellas nuvens que vêmos...

Noss'alma vai-se com ellas,
Á procura, quem o sabe,
D'outras espheras mais bellas,
Já que no mundo não cabe...
Voando, sem dar um grito,
Através d'esse infinito,
Noss'alma vai-se com ellas!

MORTE DE AMOR

(Lobato Pires)

Quando me voltas o rosto
E me desprezas, donzella,
Sinto, na ancia do desgosto,
A morte, que o sangue gela.

E quando, meiga e travêssa,
Tu me afagas com ternura,
Sinto-me, não que o mereça,
Morrer ébrio de ventura.

Morro, ao vêr-te desdenhosa;
Morro, se me dás carinhos;
Se eu hei-de seguir-te, ó rosa,
Como a borboleta o lume,
Não me matem teus espinhos;
Que me mate o teu perfume.

LUZ E TREVAS

(Manoel Roussado)

Se a vida é noite invernosa,
Tormentosa,
Sem uma estrella no céo,
Tu és a aurora brilhante,
Radiante,
Da noite rasgando o véo.

Se tem da vida o caminho
Tanto espinho,
Que sangue nos faz verter,
Tu és rosa delicada,
Perfumada,
Entre abrolhos a viver.

Se a vida é somno penoso,
Tenebroso,
É pesadêlo a pungir,
Tu és o sonho dourado,
Encantado,
Nos seios d'alma a sorrir.

Se a vida é mar agitado,
Empolado,
É temporal a rugir,
Tu és a patria adorada,
Suspirada,
Ao naufragante a surgir.

Se a vida é luctar insano,
Tudo engano,
É contínuo duvidar,
Tu és scentelha divina,
Peregrina,
Que vens a crença inspirar.

AMOR SEM FIM

(Faustino de Novaes)

Como se amavam essas grandes almas!
Que verdes palmas que esse amor lhes deu!
Tanto não fôra Julieta amante,
Que tão constante nem o foi Romeu!

Fracções dispersas de partida esphera,
Nenhum dissera ser metade só;
Viram-se um dia — tão iguaes se viram,
Que alli se uniram n'um estreito nó!

No chão da vida só pisavam flôres!
Que amor! Que amores! Que prazer sem fim!
Dizei-me, ó anjos das mansões celestes,
Se lá tivestes um amor assim!

Ambos entregues á ventura extrema
Que a lei suprema suffocar tentou,
Cegos, illusos, nem sequer pensavam
Que um céo sonhavam!... E o sonhar findou!

Ai!... Quantas vezes fulgurante dia,
Que á terra envia festival prazer,
Lega, ao finar-se, tormentosa noite,
Funesto açoite, que nos faz tremer!

Assim, ó tristes, vosso lindo sonho
Foi tão risonho quanto foi veloz;
Era loucura!... Ter aqui vivido
Sem n'um gemido desprender a voz!

—❦—

Oh! não, que um dia, sobre escuro leito,
Partem d'um peito gemebundos ais;
E ao lado a triste, de pavôr, de susto,
Domina, a custo, convulsões fataes.

O mundo esquece, que adorou outr'ora,
Que a dôr agora só a tem de pé,
Toda cuidados, orações, blandicias,
Amor, caricias, caridade e fé!

Baldado esforço!... que o Juiz supremo
O dia extremo decretára já;
Recrescem ancias nos finaes tormentos,
Restam momentos... que pedir... não ha!...

Aos olhos baços da fiel consorte
O anjo da morte, a voejar, passou...
Já fria, a triste, de pavor tranzida,
Cahiu... e erguida... recahiu... ficou!...

E um côro de anjos, a sorrir, saudava
Mais um que entrava na feliz mansão...
Após momentos, sem saber, o esposo
Voava ao gozo de eternal juncção!...

Fugiram ambos! que ao amor que deram
Ambos quizeram immortal trophéo:
Deve quem n'alma tal amor encerra
Morrer na terra, para amar no céo.

ADORMECIDA

(Palmeirim)

Como é bella adormecida!
Parece estatua cahida
Do pedestal!
Como a dormir é formosa!
Parece fragrante rosa
No seu rosal!

Deixai-m'a vêr bem de perto
N'aquelle sorriso incerto
Que tanto diz.
D'este mundo deslembrada,
A dormir tão socegada
Como é feliz!

Silencio. Deixai-me vêl-a...
Como ella é gentil e bella
Em seu dormir!
Parece, mesmo dormindo,
Que nos labios vai fugindo
Um seu sorrir!

Arfa-lhe o seio saudoso
Como ao cysne mavioso
N'um mar d'anil.
Tem no rosto desenhadas,
Como tem tambem as fadas,
Bellezas mil.

Parece um anjo, parece,
Se entre nuvens do céo desce,
Sorrindo assim!
Oh! não tem maior belleza
Essa magica lindeza
De seraphim!

Minhas lagrimas, cautela!
Deixai-a dormir, que é bella,
Meu coração!
Seus olhos, não desvendados,
Inda mesmo assim cerrados,
Que lindos são!

N'esta languida postura,
Mais se exalça a formosura
A realçar.
Que meiguice desenhada
N'essa fronte namorada
Vejo raiar!

—❧—

Ai! quem soletrar soubera!
Ai! quem nos olhos podéra
    Seu fado lêr!
Talvez que se fôra amado,
Fôra menos maguado
    O seu viver.

Como é bella adormecida!
Parece estatua cahida
    Do pedestal!
Como a dormir é formosa!
Parece fragrante rosa
    No seu rosal!

O BEIJO

(João de Deus)

Beijo na face
Pede-se e dá-se:
    Dá?
Que custa um beijo?
Não tenha pejo:
    Vá!

Um beijo é culpa
Que se desculpa:
Dá?
A borboleta
Beija a violeta:
Vá!

Um beijo é graça
Que a mais não passa:
Dá?
Teme que a tente?
É innocente...
Vá!

Guardo segredo,
Não tenha medo...
Vê?
Dê-me um beijinho,
Dê de mansinho,
Dê!

Como elle é dôce!
Como elle trouxe,
Flôr,
Paz a meu seio!
Saciar-me veio,
Amor!

Saciar-me? louco...
Um é tão pouco,
Flôr!
Deixa, concede
Que eu mate a sêde,
Amor!

Talvez te leve
O vento em breve,
Amor!
A vida foge:
A vida é hoje,
Flôr!

—❦—

Guardo segredo;
Não tenhas medo,
    Pois!
Um mais na face
E a mais não passe;
    Dois!

Oh! dois? piedade!
Coisas tão boas...
    Vês?
Quantas pessoas
Tem a Trindade?
    Tres!

Tres é a conta
Certinha e justa...
    Vês?
E o que te custa?
Não sejas tonta!
    Tres!

—❦—

Tres, sim. Não cuides
Que te desgraças;
　　Vês?
Tres são as Graças,
Tres as Virtudes,
　　Tres!

As folhas santas
Que o lirio fecham,
　　Vês?
E o que não deixam
Manchar, são quantas?
　　Tres!

A FLOR E O LAGO

(João de Lemos)

Era uma vez um crystallino lago
E d'elle á beira debruçada flôr;
Que linda flôr de namorado afago!
Que lago aquelle de encantado amor!

Ella mirava-se estampada n'agua,
Elle entranhava a retratada flôr;
Ella por dar-se nem sonhava magua,
Elle por têl-a só sonhava amor.

—❧—

Nem folha solta, nem travêssa aragem
Toldando o lago, baloiçando a flôr,
Nada alli vinha desfazer a imagem,
Quebrar o espelho, perturbar o amor.

Assim viviam; mas foi breve o espaço,
Que um vento rijo despegára a flôr,
E sobre o lago, que par'cia d'aço,
Ergueu-lhe as vagas debaldado amor.

Ai! vida minha, crystallino lago!
Ai! tu, que lhe eras debruçada flôr,
De vós só resta, em namorado afago,
Dôce memoria de encantado amor.

PHANTASIA

(Alfredo Campos)

Revôa a phantasia
Em páramos dourados,
Sómente povoados
De luz e de harmonia.

A dôce luz lhe envia
Dos sonhos enflorados,
De céos mais estrellados,
A candida poesia.

—❧—

A pobre doidejante,
Travêssa, louca, inquieta,
Delira, e vôa, e vai,

Até que chega o instante
Em que, qual borboleta,
As azas queima e cahe!

—❧—

Á LUZ

(Manoel d'Arriaga)

Oh luz doirada e pura,
Oh luz irmã do amor,
Espelho e formosura
Da alma do Senhor!

Em ti eu vejo e abraço
A voz da creação
Cantando pelo espaço
A esplendida canção!

—❦—

Meus olhos, que te admiram,
Bem como a terra e os céos,
Ao verem-te sentiram
O proprio olhar de Deus!

O céo, mal vens na aurora
Mais alva que a alva lã,
De púrpura colora
As faces da manhã!

A terra envolta em galas,
Mais bella que as huris,
Ai, veste-se d'opalas,
De perolas e rubis!

As aves innocentes,
Sentindo o teu fulgor,
Gorgeiam de contentes
Seus canticos d'amor.

Os lirios junto ás fontes,
Perdendo o teu clarão,
As suas bellas frontes
Inclinam para o chão.

Eu mesmo se em verdade
Sonhei como Jesus,
Os bens da humanidade
A ti os devo, ó luz!

Oh candida alegria,
Espirito de Deus,
Que animas, noite e dia,
A terra, o mar e os céos!

Adoro-te, portento!
E a ti levanto as mãos
Como ante o sacramento
Os simplices christãos!

Principio incorruptivel,
Oh candida vestal,
Que pairas invisivel
Sobre este lamaçal ;

Lá quando a morte um dia
Roubar aos olhos meus
A esplendida harmonia
Que existe em terra e céos,

Seguindo prazenteiro
A lei que me conduz,
Meu grito derradeiro
Será por ti, oh luz !

O FILHO DAS FLORESTAS

(Zaluar)

Um sabiá negro todo
(Mais negra a noite não é)
O ninho seu fabricára
Sobre uns galhos de café.

Dentro do matto fechado,
Onde ninguem penetrava,
O ditoso passarinho
Era feliz e cantava.

Seus desejos limitados
Tinham só uma ambição:
Amar sua companheira,
Vêr o céo na solidão!

Um raio de sól, um astro
No éther brilhando, um hymno
Da fresca briza, eram cantos
Do seu poema divino!

Uma vez, ao romper d'alva,
Inda as bagas de coral
Do cafezeiro orvalhado
Brilhavam como crystal;

A inspirada avesinha
Com que ardor saudava o dia!
Era um delirio de sons,
Eram ondas d'harmonia!

N'isto um caçador cruento,
Que no matto penetrou,
Espia por entre as ramas,
Escuta... olha... e parou.

Aponta o fuzil... O tiro
Retrôa por entre as penhas...
Primeiro sangue innocente
Mancha o asylo das brenhas.

Ai! O filho das florestas
Teve um bem fatal destino!...
No homem que viu primeiro
Viu o primeiro assassino!

CONSELHO A JULIA

(Francisco Palha)

Minha Julia, eu não sou velho,
Mas posso dar-te um conselho
Que te deva aproveitar:
Não cáias em ser esposa,
Que é seguir a mariposa,
Que na luz se vai queimar!

—✻—

Embora rainha bella,
Embora fulgente estrella
Chame á noiva um trovador!
A noiva não é rainha,
É captiva, a pobresinha,
Escrava, pois tem senhor!

Sceptro e c'rôa vão quebrar-se,
Vai o peito alli murchar-se,
Vai matar-se o coração!
Ledos sorrisos d'outr'ora,
Meigo olhar, não póde agora
Dar a outrem! — Isso não!

Rainha é só a donzella;
Essa sim! Em torno d'ella
Vem os vassallos viver!
Deixal-os póde esquecidos,
Ou escolher p'ra valídos
Aquelles que bem quizer!

Mas ir p'ra sempre ligar-se,
Ir em vida sepultar-se,
Sem da sua alma ter dó!...
Minha Julia, eu não sou velho,
Mas posso dar-te o conselho
Que antes queiras viver só!

CONTEMPLAÇÃO

(Mendes Leal)

Estava a donzella pállida,
Já noite, no seu eirado,
Á grade o braço encostado,
Encostada a face á mão:
Alvo rosto melancólico
Leves anneis lhe afagavam,

Que travêssos volteavam
A sabôr da viração.

Eram louros, quasi fúlgidos,
Descendo, como em delirio,
Sobre um collo, de que o lirio
Fôra vencido rival:
Crêreis vêr doidas caricias
Do amoroso sol de maio,
Quando vibra o fulvo raio
Sobre o jaspe e o faz crystal.

Longos festões odoríferos
Lhe serviam de moldura,
Toda esmaltando a verdura
O perfumado jasmim:
Como requestando-a, súpplices,
Tinha aos pés, sob as janellas,
Menos alvas, menos bellas,
As camelias do jardim.

Arfava-lhe o seio túmido,
Prisioneiro impaciente,
Como o anhélito fremente
Das curvas ondas do mar:
De sêdas airoso carcere,
Claustro pudico e discreto,
De thesouros e de affecto,
Rangia, quasi a estalar.

«Porque a vista fitas cúpida,
Ó virgem, na argentea lua?
Contemplas a patria tua
Na ethérea amplidão dos céos?
Namoras acaso, extática,
As estrellas rutilantes?
Ou miras, d'olhos radiantes,
N'esse azul o azul dos teus?

«Que secretos votos férvidos,
Por esses olhos impelles

Para os astros, irmãos d'elles,
E invejosos, bem que irmãos?
Não tens tu, em série esplendida,
Longa e nunca interrompida,
Cheia de flôres a vida,
De flôres cheias as mãos?

«Que te falta para os júbilos?
Porque um ai, quasi um lamento,
Te enléa a cada momento,
E suspiras tanta vez?
Porque te pende uma lagrima
Que na palpebra scintilla,
E te humedece a pupilla
Essa ignota languidez?

«Porque assim t'enlevas túrbida
N'um sonhado paraiso,
E te desmaia o sorriso
Sobre os labios inda em flôr?

Não peças aos mudos extases
O segredo d'esse abalo;
Se queres sincera achal-o,
Menina, chama-se *amor!*»

A EUGENIA

(Estacio da Veiga)

Porque em teus labios refulge
O sentimento do amor,
E em tuas faces se inflammam
Vivas rosas do pudor?

Porque os teus labios não dizem
O que diz o teu olhar?
De taes rosas pois cingidos
Não podem de amor fallar?

Se um indizivel mysterio
Tua voz reprime emfim,
Como hei-de saber se n'alma
Tens affectos para mim?

Ai! que não entendo, virgem,
Esse amor, que só é teu,
Quando em silencio me escutas
E pões teus olhos no céo!

AMOR PERFEITO

(Casal Ribeiro)

Amor perfeito! não creio
No teu nome — não me tentas
Tu a mim!
Não me tentas — nem receio
Da formosura que ostentas
No jardim.

Não receio, não — são bellas
Tuas galas, tuas côres
Para vêr!
Mas enganam, como ellas;
São falsas, como os amores
Da mulher.

Amor perfeito! delirio!
Chimera, que vive um dia,
E mais não!
E depois fica o martyrio,
A longa, lenta agonia
Da paixão!

Não te quero, amor perfeito!
Não me illudem teus encantos,
Linda flôr!
Não, não quero unir-te ao peito,
Que a minha voz não tem cantos
Para amor.

Ai! não tem! nem esta lyra
Um só echo derradeiro
Póde ter;
Que os amores são mentira
No sorriso feiticeiro
Da mulher.

AS ANDORINHAS

(Nunes da Ponte)

Espumas das alvoradas,
Aladas filhas do sul,
Bemvindas sois, avesinhas;
Foram-se as brizas geladas,
Tornou-se o céo mais azul!
Voai, passai, andorinhas,
Espumas das alvoradas,
Aladas filhas do sul.

Subtis pinceis das auroras,
Alegres plumas dos ares,
Eu quero seguir as linhas
Das vossas azas sonoras
No vôo dos meus scismares!
Voai, passai, andorinhas,
Subtis pinceis das auroras,
Alegres plumas dos ares.

Miragens das primaveras,
Suaves nuncias d'amor,
Foram sombrias, damninhas
As invernosas chimeras
Das nuvens da minha dôr!
Voai, passai, andorinhas,
Miragens das primaveras,
Suaves nuncias d'amor.

Scintillações dos espaços,
Plumagens das alegrias,

Eu quero nas crenças minhas
Seguir-vos os doidos passos
Do sonho das phantasias!
Voai, passai, andorinhas,
Scintillações dos espaços,
Plumagens das alegrias.

SERENATA

(Macedo Papança)

Eu não tenho onde me acoite,
Ó pomba dos meus anhelos!
Quero esconder-me na noite
Profunda dos teus cabellos.

Quero o teu hálito ardente
Aspirar a longos tragos,
Quero sentir os afagos
Da tua falla tremente.

Depois verás como eu canto
Na minha lyra de poeta
Este amor que eu amo tanto,
Ó minha casta violeta...

Como eu te quero! no mundo
Só eu sei e mais ninguem
O affecto immenso e profundo
Que o meu coração contém.

Á noite, quando me deito,
Vejo o teu rosto, morena,
E, ó pomba casta e serena,
Tu pairas sobre o meu leito.

—❖—

E na febre em que me abrazas,
Meu dôce amor, até creio
Que roçam pelo meu seio
As pennas das tuas azas.

E que de manso ao ouvido
Me fallas do teu amor,
E que oiço perto o rumor
Das ondas do teu vestido.

Que a minha fronte descança
A sorrir nos teus joelhos,
E sinto os beijos, criança,
D'esses teus labios vermelhos.

Sou talvez um sonhador,
Talvez um louco, talvez;
Mas quero beijar-te os pés
Na febre do meu amor.

E tu, se acaso tens pena
D'este meu soffrer profundo,
Ri-te de Deus e do mundo,
E abre-me os braços, morena.

D. JOÃO E ELVIRA

(Claudio José Nunes)

D. JOÃO

Em que pensas, minha Elvira?
Porque tens pállida a côr?
Arfa teu collo e suspira...
Mas porque suspiras, flôr?

Não vês tudo o que nos cinge,
Em luz e aroma a nadar?
E tu só, calada sphynge,
Velas o brumoso olhar!

Como é nácar a roseira!
Em perfume, á luz do sol,
Como paga a laranjeira
A canção do rouxinol!

Como canta a agua na fonte
Debulhando seus crystaes!
E tu só, d'ella defronte,
A exhaurir o peito em ais!

Como é curto o céo, querida,
Para as pennas estender,
Quando vôa a aza da vida
Sobre as rosas do prazer!

Voêmos na immensidade!
Um beijo, Elvira, e outro a flux!
O mundo é a mocidade!
O prazer, o canto e a luz!

Mas em que pensas, querida?
E porque emmudeces, flôr?

ELVIRA

Desculpa. Andava perdida
Pelo azul dos céos do amor!

O PASTOR MORIBUNDO

(Alvares d'Azevedo)

A existencia dolorida
Cança em meu peito: eu bem sei
Que morrerei!
Comtudo da minha vida
Podia alentar-se a flôr
No teu amor!

—❧—

Do coração nos refolhos
Solta um ai! n'um teu suspiro
Eu respiro!
Mas fita ao menos teus olhos
Sobre os meus: eu quero-os vêr
Para morrer!

Guarda comtigo a viola
Onde teus olhos cantei
E suspirei!
Só a idéa me consola
Que morro como vivi...
Morro por ti!

Se um dia tua alma pura
Tiver saudades de mim,
Meu seraphim!
Talvez notas de ternura
Inspirem o doido amor
Do trovador!

A MADRUGADA

(E. Pinto d'Almeida)

Perdem as sombras túrbidas
Da noite o escuro véo;
Tingem-se os altos pincaros,
Chovem coraes do céo.

Na frança a baloiçar-se,
Travesso rouxinol,
Saúda do astro immenso
O fúlgido arrebol.

E deslisando múrmuro
Nos prados o ribeiro,
Allia um terno cantico
Aos sons do pegureiro.

O malmequer e o lirio,
Que adorna ameno abril,
Espalham pelos campos
Oiro, esmeralda, anil.

Cicía brando o zéphyro
Da acacia na ramagem;
De amoroso anhélito
Encantadora imagem.

Esmaltado thuribulo
D'incenso é cada flôr;
Tudo na terra é jubilo,
Respira tudo amor!

SUPPLICA

(Eduardo Vidal)

Oh! não tardes; em meus braços
Vem reclinar-te, querida;
Nada ha bello n'esta vida
Sem amor.
Bem vês que o trépido rio
Beija a relva da collina,
E que a briza matutina
Beija a flôr.

Que receias? Porque tremes?
Diz-te acaso a consciencia
Que a tua mystica essencia
        Perderás?
Se o teu espirito anceia,
Se tudo o sangue te agita,
Se um vago furor te incita,
        Que farás?

Has-de deixar que a belleza
Desbote no teu semblante,
Que esse fulgôr deslumbrante
        Morra emfim?
Não vês que os annos que passam
As rosas nos vão murchando?
Porque scismas, vacillando,
        Junto a mim?

Porque não dizes que és minha?
Porque n'um sôfrego beijo

—❦—

Não me dás quanto eu desejo
Possuir?
Porque me apontas o mundo?
Porque te esquivas tremendo?
E o mundo passa correndo,
Sem te ouvir!

E o céo de enlevos bemditos
Que hoje brilha em nossa mente,
Has-de vêr que de repente
Fugirá;
E o coração que podéra
Pulsar doido de alegria,
De tristeza, noite e dia,
Pulsará.

A vida é fugaz corrente
Que ora entre espinhos murmura,
Ora segue amena e pura
Sobre flôres:

São bastas as rudes brenhas
Que nos laceram a vida;
Só brotam rosas, querida,
D'entre amores!

NO MAR

(Bulhão Pato)

Foi no mar que me disseste
N'um olhar que me adoravas;
Era á tarde, e as ondas bravas
Sacudia o vento agreste.

—❧—

Vejo a noite, e a recrescer
Cada vez mais forte o vento...
Nem sequer por um momento
Ante o mar te vi tremer!

Só depois quando em delirio
Te apertei d'encontro ao seio,
De paixão, não de receio,
Desmaiaste como um lirio!

Veio a lua, e com a lua
Aquietou-se o mar undoso:
Como a luz do astro saudoso
Inundava a fronte tua!...

Teu rival na pallidez,
No sorriso enamorado,
Não, teu gesto apaixonado
Mais tocante era, talvez!

Como nós, com tanto ardor,
Assim n'um abraço estreito,
Face a face, peito a peito,
Oh! ninguem morreu d'amor!...

Froixa luz da madrugada
Despontava no horisonte:
Terra á vista, ergueste a fronte
Toda em lagrimas banhada!

Eu seguia, tu ficavas...
Pobre amiga, n'esse instante
Vi-te a morte no semblante,
E no olhar que em mim fitavas.

Não abriste os labios teus
N'um adeus de despedida;
Porque alento e força e vida
Te fugiu n'aquelle adeus!

Luz e sombra, vida e morte,
Hoje e sempre eu hei-de amar-te:
Na ventura, ou na má sorte,
Longe ou perto, em toda a parte!

ROSA DAS TRES FOLHAS

(Ernesto Marecos)

Linda rosa das tres folhas
E não mais,
Como te ostentas no prado
De tão viçosos rosaes!
Porque a rosa, borboletas,
Engeitaes?

Porque apenas tem tres folhas
E só tres?
Loucura! que as menos folhas
Provam a mais candidez!
Se mais folhas, mais espinhos
Tem talvez!

Nas tres folhas, tres palavras
Soletrei.
Palavras que tanto digam,
E tão juntas, nunca achei!
Borboletas, qu'reis sabel-as?
Dil-as-hei!

Essa folha requebrada
Diz amor!
As outras, vêdes? aquellas
Fallam de pena e de dôr;
Da primeira — quem me dera
Ser cantor!

—❦—

Ás outras folhas, a folha
Se casou!
Casada — foge-lhe a vida
E perde a côr — desmaiou!
Pendente — enrosca-se e murcha,
E murchou!

Reviver? ai! não revive,
Não sabeis?
Mas se fôra uma das outras,
Por ella terieis — seis!
Sobre a rosa, borboletas,
Não pouseis!

ROSA NO MAR!

(Gonçalves Dias)

Por uma praia arenosa,
Vagarosa
Divagava uma donzella;
Dá largas ao pensamento,
Brinca o vento
Nos soltos cabellos d'ella.

—❦—

Leve ruga no semblante
Vem n'um instante,
Que n'outro instante se aliza;
Mais veloz que a sua ideia
Não volteia,
Não gira, não foge a briza.

No virginal devaneio
Arfa o seio,
Pranto ao riso se mistura;
Dôce rir dos céos encanto,
Leve pranto,
Que amargo não é, nem dura.

N'esse lugar solitario,
—Seu fadario—
De vêr o mar se recreia;
De o vêr, á tarde, dormente,
Dôcemente
Suspirar na branca areia.

—❖—

Agora, qual sempre usava,
Divagava
Em seu pensar embebida;
Tinha no seio uma rosa
Melindrosa,
De verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,
Quando a rosa
Do seio no chão lhe cahe;
Vem um'onda bonançosa
Qu'impiedosa
A flôr comsigo retrahe.

A meiga flôr sobrenada;
De agastada,
A virge' a não quer deixar!
Bóia a flôr; a virgem bella
Vai 'traz ella,
Rente, rente — á beira-mar.

Vem a onda bonançosa,
Vem a rosa;
Foge a onda, a flôr tambem;
Se a onda foge, a donzella
Vai sobre ella;
Mas foge, se a onda vem.

Muitas vezes enganada,
De enfadada
Não quer deixar de insistir;
Das vagas menos se espanta,
Nem com tanta
Presteza lhes quer fugir.

N'isto o mar que se encapella
A virgem bella
Recolhe e leva comsigo;
Tão fallaz em calmaria,
Como a fria
Polidez de um falso amigo.

Nas aguas alguns instantes,
Fluctuantes
Nadaram brancos vestidos;
Logo o mar todo bonança,
A praia cança
Com monótonos gemidos.

Um dôce nome querido
Foi ouvido,
Ia a noite em mais de meia:
Toda a praia perlustraram,
Não acharam
Mais que a flôr na branca areia.

CONSUELO

(L. Guimarães Junior)

Melindroso e dôce encanto
Que dás sempre á minha dôr
Uma gotta do teu pranto,
Um raio do teu fulgor;

Pállida e bella adorada,
— Luz na minha escuridão —
Em cuja bocca maguada
Suspira o meu coração;

Lyra de dulia harmonia
Onde o poder creador
Soube afinar a poesia
Pela musica do amor;

Favo de mel odoroso
Que á minha bocca desceu,
Virgem que excitas o gozo,
Anjo que apontas o céo;

Lirio medroso e orvalhado
Da aurora no alvorecer,
Em cujo calix nevado
Meu sonho vai-se esconder;

Lampada eterna que véla
Na minha negra afflicção,
Tendo por luz uma estrella...
Por oleo — a consolação;

Visão de amor derradeira
Que a meus olhos vem luzir,
Minha lagrima primeira
E meu ultimo sorrir:

Deus te poupe as amarguras
Que a minh'alma não poupou!
Deus te dê tantas venturas
Quantas o céo me negou!

—❧—

O CANTO DA SERRANA

(F. L. Bettencourt Sampaio)

Pomba do valle, que asinha
Vaes tão distante a voar!
　　Se lá n'outras terras,
　　Vagando por serras,

Tu viras o esposo
   Saudoso
   A chorar...

Oh! dize, avesinha,
Que triste e mesquinha
Falleço de dôr!
Que n'este retiro
Saudoso deliro
   De amor!

Pobre amor! triste serrana,
Traz dorido o coração!
      Crueis agonias
      Afeiam-lhe os dias,
      Chorando sem termo
         No ermo
         Ao sertão.

—❧—

Que sorte tyranna!
Na pobre cabana
Sósinha a gemer...
Que angustia! que dôres!
Podesse eu de amores
Viver!

Vivera vida de enleio
N'este deserto a sonhar,
Em vez d'agro pranto,
Se ouvira o meu canto
Na briza macia
Que ancía
No ar!

Do esposo no seio,
Então sem receio
Podéra eu dormir;

E ao fresco do vento,
Da lua ao relento
Sorrir.

Vem! terás, meu sertanejo,
Os favos da jatahy:
É tão saboroso,
Tão puro e cheiroso,
O mel delicado
Guardado
P'ra ti...

Ai! vida! n'um beijo
Bem fundo desejo
Se mata co'o ardor
Do gozo nos lumes,
Sorvendo os perfumes
De amor.

—❧—

Os meus compridos cabellos
Com baunilha os perfumei.
No leito macio
Te aguardo do frio
Com flôres do monte,
Que a fronte
Adornei.

Não queres mais vêl-os?
Meu Deus! que de zêlos
Eu vivo a sentir!
Nem um só momento
Me é dado ao tormento
Fugir!

Escuta! são teus filhinhos
Que choram por ti tambem!
Cruenta saudade

Que n'esta soidade
Recresce na vida
  Dorida
  Que têm!

Tres mezes sósinhos
Aqui, coitadinhos,
Sem verem seu pai!
Ai d'elles! em pranto
Traduzem seu canto
  N'um ai!

Volta, volta, meu tropeiro,
Que é deserto o teu casal!
  Da pobre morena
  Adoça-lhe a pena,
  Subindo p'ra a serra
    Da terra
    Natal.

Cruel forasteiro!
Procura o carreiro
Do gamo veloz,
Nos braços da amante
Ai! pousa um instante
A sós!...

ESTRELLAS

(Guilherme d'Azevedo)

Ó loucos, podeis dizer-me
Quem n'essa cúpula vasta
As suspende, em quanto o verme
Aqui no mundo se arrasta?

Estrellas! vagos luzeiros,
Celestes, candidos mimos!
Brotam os sonhos primeiros
Se aos raios d'ellas dormimos.

—✥—

O mundo crê muito n'ellas;
No entanto penso que é certo
Que ao longe são sempre bellas
E são terriveis ao perto!

Ha talvez uma cratera
De lava desoladora
Em cada luzente esphera
Que nos sorri tentadora!

E por mais que nos prometta
A sua chamma divina,
É nossa alma a borboleta
Que a linda estrella fascina!

Mas embora nos abrazem,
Quer nos prendam, quer nos matem,
Não ha nome que não exprimam,
Nem feição que não retratem,

Aquellas santas imagens
Que o nosso olhar sempre alcança,
Quer, soffrendo, na voragem,
Quer, sorrindo, na bonança!

Oh! menti! supponho-as bôas,
Tão bôas quanto são bellas!
E, ó minha alma, se tu vôas
Procura sempre as estrellas.

Aquellas santas imagens
Que o nosso olhar sempre alcança,
Quer, soffrendo, na voragem,
Quer, sorrindo, na bonança!

CANÇÃO DE AMOR

(J. de Sousa Andrade)

Aonde foram encantos divinos,
Aonde a crença de tanta magia,
Fonte meiga da luz e dos hymnos,
Onde estás? aonde foste, Maria?

Tens a fronte que tinhas na infancia,
Pura e branca, ainda toda harmonia;
Mas, da bella innocencia a fragrancia...
Onde estás? aonde foste, Maria?

Ter em ti eu pensava encòntrado
Meu sublime ideal de poesia;
Encontrei a mulher em seu fado —
Onde estás? aonde foste, Maria?

Se hoje chóro, aos que estavam descrentes
Já mostrei meu amor na alegria;
Terno orgulho dos dias contentes,
Onde estás? aonde foste, Maria?

Aonde foste? aonde foste? — procuro
O que na alma cantando te ouvia,
E já tremo de ouvir-te — e murmuro:
Onde estás? aonde foste, Maria?

Aonde foram divinos encantos,
Aonde o mundo em que eu d'antes vivia?
Porque a fonte do riso é dos prantos?
Onde estás? aonde foste, Maria?

—※—

SE CHORAS

(Alberto Malheiro)

Chora a flôr, se fresca aurora
Sobre as pétalas lhe chora
Seu crystal;
Chora a rôla, se perdido
Ouve chorando o par f'rido
Pelo val.

Chora o penhasco, se ao cume
Altiva onda lhe assume
Seu fervor;
A chorar eu só me atrevo
Se tu choras, meu enlevo,
Meu amor!

Chora a serra congelada
Torrente alva, derramada
Pelo céo;
Eu só chóro se tu choras,
Fulgôr das minhas auroras,
Anjo meu!

AS VENTOINHAS

(Machado d'Assis)

A mulher é um catavento,
Vai ao vento,
Vai ao vento que soprar;
Como vai tambem ao vento
Turbulento,
Turbulento e incerto o mar.

—❧—

Sopra o sul: a ventoinha
Volta asinha,
Volta asinha para o sul;
Vem taful: a cabecinha
Volta asinha,
Volta asinha ao meu taful.

Quem lhe pozer confiança,
De esperança,
De esperança mal está;
Nem d'esta sorte a esperança
Confiança,
Confiança nos dará.

Valêra o mesmo na areia
Rija ameia,
Rija ameia construir;
Chega o mar, e vai a ameia
Como a areia,
Como a areia confundir.

—❧—

Oiço dizer de umas fadas
Que abraçadas,
Que abraçadas como irmãs,
Caçam almas descuidadas...
Ah que fadas!
Ah que fadas tão villãs!

Pois, como essas das balladas,
Umas fadas,
Umas fadas d'entre nós,
Caçam, como nas balladas;
E são fadas,
E são fadas d'alma e voz.

É que — como o catavento,
Vão ao vento,
Vão ao vento que lhes der;
Cedem tres cousas ao vento:
Catavento,
Catavento, agua, e mulher.

OLHOS PRETOS

(Sousa e Silva)

Não creio nos olhos verdes
Por serem da côr do mar,
Por andarem, como as ondas,
De instante a instante a mudar:
Eu bem sei que são formosos,
Mas tambem são mentirosos:
O mar constancia não tem;
Se ás vezes ri prazenteiro,
Esconde um fim traiçoeiro,
Os olhos verdes tambem!...

—❀—

Nos olhos azues não creio
Por serem da côr do céo,
E se o céo é puro, ás vezes,
Outras, cobre-o negro véo:
Os olhos azues são lindos,
Seus encantos são infindos,
Mil graças em si contém;
Mas nem sempre é o céo risonho,
Mostra-se ás vezes medonho,
E os olhos azues tambem!...

Creio só nos olhos pretos,
De vivo, estranho fulgôr;
Só n'elles leio constancia,
Só n'elles soletro — amor!...
Os olhos pretos não mentem,
Dizem aquillo que sentem,
E falsidade não tem:
São negros, côr da tristeza,
E se esta só tem firmeza,
Os olhos pretos tambem!...

TRANSFIGURAÇÃO

(Guerra Junqueiro)

Em lôbrega prisão
Um rouxinol vivia,
Soltando noite e dia
Tristissima canção.

E, de cantar já tanto
Longe do patrio ninho,
O lindo passarinho
Perdera o dôce canto.

—❧—

O archanjo do Senhor,
Que anda a aparar n'um cofre
Suspiros de quem soffre
E lagrimas de amor,

Vendo-o gemer a sós
Tão intima saudade,
Tornou-lhe a dôce voz,
Tornou-lhe a liberdade.

E o triste rouxinol
Cantou: Anjo celeste,
Que ao mundo emfim vieste
A dar-me a luz do sol,

Espera, ó anjo, espera!
Ai! não te vás sem mim
Ao flórido jardim
Da eterna primavera.

—⁂—

Senhor! oh! como deve
Ser tépido o meu ninho
Feito no brando arminho
Do seio teu de neve!

Não quero a liberdade,
Serei escravo teu;
Alemo-nos ao céo,
Archanjo da saudade.

Bem sei, não posso voar
De Deus ao throno immenso...
Que importa! irei suspenso
Na luz do teu olhar;

Depois, em noites bellas,
Ao pé dos immortaes,
Quando eu não veja mais
Que um longo mar de estrellas,

Por entre os esplendores
Do abysmo sacrosanto,
Eu hei-de erguer meu canto,
O canto dos amores! —

E o rouxinol saudoso,
Mudando-se n'um astro,
Lá foi seguindo o rastro
Do archanjo luminoso.

Ó flôr da primavera,
Só tu sabes quem era
O archanjo do Senhor...
O astro hei-de ser eu
Baixando-me do céo
A luz do teu amor!

NOITES DE VERÃO

(Adriano Anthero)

Era uma noite formosa
D'essas noites de verão,
Noites d'amor e saudade,
Noites d'enlêvo e paixão;
D'aquellas noites creadas
Para vagarem as fadas
Sobre a aragem pelo ar;
D'aquellas noites serenas
Que orvalho lançam nas penas
Do mais acerbo penar.

—❦—

Ai! noites de tanto enlevo,
Noites de luz, de harmonia,
De infindo anceio e delirio,
De seducção, de magia!
Sois eternas mensageiras
Que vos ornaes feiticeiras
De prata, d'ouro e de luz,
A suavisardes a sorte
De quem procura seu norte
Pelos caminhos da cruz!

Vós sois, ó noites, o prisma
Por onde eu ólho a ventura:
É como vós feiticeira
Nas poucas horas que dura!
Tem luz d'estrellas brilhantes,
Brincam as brizas distantes,
Refulge esplendido o véo;
São tudo aromas e flôres,
Rescende a terra aos amores,
Os anjos descem do céo!

—❧—

Mas se algum pobre encantado
Quer abraçal-a de perto,
Foge-lhe então a ventura
Como a visão do deserto!
Vós sois assim! Quem se atreve
A analysar-vos, em breve
Vê só nuvens n'amplidão
E o fugir da immensidade;
E olha então com mais saudade
Que sois mentida visão!...

Sejaes embora mentidas,
Suaves noites d'enleio;
Vós sois uma Biblia aberta
Onde eu soletro, onde eu leio,
Á luz que Deus vos accende,
Essa imagem que me prende
N'uma saudade maior...
Posso fallar-vos sem medo,
Que vós sabeis o segredo
Dos meus suspiros d'amor,

CYSNE

(Alexandre da Conceição)

Ai! cantas!... e eu sei que magua
Te comprime o coração!...
És a flôr que ao peso da agua
Não se dobra para o chão.

Ai! cantas!... E como o lirio
Mirrado pelo calor,
Tens a auréola do martyrio
No teu sinistro palor.

Ai! cantas!... como cantava
O desterrado Camões,
Quando uma patria buscava
Por longinquas solidões.

E sorriste: mas eu vejo
No teu rir tristeza tal,
Que me parece um lampejo
Nas sombras d'um temporal.

E cantas; mas n'esse canto
Ha mais dôr que no chorar;
Se a magua te désse o pranto
Não te matava o cantar.

Assim morres como as flôres,
Como o divino Jesus,
A sorrires paras as dôres,
Como elle para a cruz.

Escondes maguas cantando...
Não se esconde a magua assim;
As maguas vão-se chorando;
Dôr que canta não tem fim.

A dôr que canta é um chôro
Que dilue o coração,
Como um fugaz meteóro
Queres morrer n'um clarão.

Queres morrer como as aves,
Queres morrer a cantar!...
As lagrimas são suaves...
Vive antes para chorar.

Ergue teu collo de neve,
Levanta os olhos á luz,
Verás que fica mais leve
A tua pesada cruz.

Escondes maguas cantando...
Não se esconde a magua assim;
As maguas vão-se chorando...
Dôr que canta não tem fim.

CANÇÃO

(Vasco de Leomil)

Pois que a abelha, cuidadosa,
Busca sempre o mel na flôr,
Nos teus labios, gentil rosa,
Eu procuro o teu amor.

Se nos bosques, fatigado,
Foge á calma o viajor,
Nos teus braços estreitado
Eu só busco o teu amor.

—⁂—

Alguem ha que em negros zelos
Vive preso a acerba dôr;
Para mim são teus cabellos
As prisões d'infindo amor.

Tenham outros a ventura
Das vaidades no louvor...
Dos teus olhos, na luz pura,
Eu bemdigo o teu amor.

Como a abelha cuidadosa
Que procura o mel na flôr,
Só em ti, purpurea rosa,
Eu encontro o puro amor.

BALLADA

(Guilhermino Augusto)

Em quanto que a espuma branca
Vinha a areia borrifar,
Jogava com dados d'ouro
A princeza á beira-mar.

— Gondoleiro, perco joias,
Perco a pedra d'este annel.
— Vós, senhora, se ganhardes,
Ganhareis o meu batel.

—⁂—

Os dados cahem na areia
Da branca mão que os deitou,
Sorriu-se agora a princeza,
Que ao gondoleiro ganhou.

—Senhora, meus remos d'ouro,
Minhas vélas jogarei.
—Uma trança de cabellos,
Gondoleiro, perderei.

Os dados cahem na areia
Da branca mão que os deitou,
Agora não se riu ella,
Que o gondoleiro ganhou.

—Agora perco meu sceptro,
A minha c'rôa real...
—Eu perderei meus vestidos,
A minha espada leāl.

Os dados cahem na areia
Da branca mão que os deitou,
Sorriu-se agora a princeza,
Que ao gondoleiro ganhou.

— Senhora, perco esta vida,
Não tenho mais nada, não;
— Gondoleiro, se ganhardes,
Ganhareis meu coração.

Os dados cahem na areia
Da branca mão que os deitou:
A sorte? ninguem a soube,
Pois uma vaga os levou.

RISO DE VIRGEM

(J. Pinto Ribeiro)

O riso que os labios da virgem florece
D'um anjo parece
Que anima agra dôr,
É riso fagueiro, que infiltra sereno
Incauto veneno
Em phrases d'amor;

—❧—

Quer vibre ironia dos cilios trementes,
Affaveis, ardentes
Dos olhos gentis;
Da bocca purpúrea, que os favos mais dôce,
Quer lépido roce
Accêsos rubís;

Quer morra nos olhos que a dôr humedece,
Que amor enlanguece,
Que expiram d'amor,
É sempre seu riso, fagueiro e sereno,
Incauto veneno
Que mata — sem dôr;

E é bello esse riso; a trémula aurora,
Que as veigas inflora
De rosa e cecem,
A estrella, que rompe com luz duvidosa
A nuvem lustrosa,
Mais galas não tem;

—❧—

Não tem mais ledice, nem graça mais pura
Ao rir-se a verdura
Nas aguas do mar;
E embalde dos astros procura a grinalda
Dos lagos na espalda
Seu riso imitar!

Que escôpro na pedra gentil de Carrára
Um riso scismára
Mais bello e cruel?
Do genio que ardente na téla divina
Sonhou Fornarina
Que destro pincel?

Semelha o sorriso da virgem viçosa
Subtil mariposa
De candida côr,
Que em quanto das rosas as pétalas beija,
Co'as azas bafeja
Noss'alma de olôr;

Ou raio sidéreo que, tépido e leve,
Em lirios de neve
Se veio perder,
Lascivo nas faces de manso brincando,
Mysterios deixando
Do céo entrevêr;

Ha n'elle perfumes, suave magia
D'ignota harmonia
Que faz delirar;
Dourada corrente de fallas e graça
Que as almas enlaça
N'um gozo sem par;

O' riso que os labios da virgem florece
D'um anjo parece
Que anima agra dôr;
É riso fagueiro, que infiltra sereno
Incauto veneno
Que mata... d'amor.

OS REMADORES

(Pedro de Lima)

Eram dez os remadores
N'aquella barca sombria
Que dos temporaes sahia
Sempre coroada de flôres.

Com a véla aos ventos solta
Galga a onda enfurecida
E busca a aurora escondida
Na immensidade revolta...

Cada um dos dez deitava
Ao vento a sua cantiga,
E do vento a voz amiga
Á terra o canto levava.

Um dizia: A minha Eresta
É como a concha da praia;
Tanto mais ella desmaia
Quanto mais o sol a cresta.

Outro dizia: O Futuro
É o deus a quem sacrifico;
D'esp'rança me sinto rico
Em quanto o remo seguro.

Este cantava as estrellas,
Aquelle a espuma das vagas;
Est'outro dizia: As fragas
Escondem estatuas bellas...

Ai! quem me dera um escôpro
Para esculpir o teu vulto,
Pelas ondas meio occulto,
Beijado pelo seu sôpro!

Oh! quem me dera—dizia
Um moço de fronte ousada—
Ter minh'alma encadeada
Ao teu sorriso, Maria...

E em quanto a onda, volvendo,
A barca aos céos levantava,
Cada um dos dez cantava,
Dos p'rigos escarnecendo.

—❧—

MARTYRIO

(Junqueira Freire)

Beijar-te a fronte linda,
Beijar-te o aspecto altivo,
Beijar-te a tez morena,
Beijar-te o rir lascivo;

Beijar o ar que aspiras,
Beijar o pó que pisas,
Beijar a voz que soltas,
Beijar a luz que visas;

Sentir teus modos frios,
Sentir tua apathia,
Sentir até repúdio,
Sentir essa ironia;

Sentir que me resguardas,
Sentir que me arreceias,
Sentir que me repugnas,
Sentir que até me odeias:

Eis a descrença e a crença,
Eis o absintho e a flôr,
Eis o amor e o odio,
Eis o prazer e a dôr!

Eis o estertor da morte,
Eis o martyrio eterno,
Eis o ranger dos dentes,
Eis o penar do inferno.

SAUDADES

(Augusto Soromenho)

Apraz-me a saudade
Que a vida amargura,
Que não ha ventura
Que a possa abrandar!
—Apraz-me!—E só ella
Meus males minora,
Pois vivo, já agora,
D'um vão recordar!

Volver ao passado
Meus olhos saudosos,
Vêr dias ditosos
Que outr'ora gozei!
Pensar no presente
Vêr só negras dôres...
Ai! são dissabores
Que... tantos!... Nem sei!

Gostei de alta noite,
Lá quando alva lua,
Saudosa, fluctúa
N'um limpido céo;
Ou brame a tormenta
Na face das aguas,
E a terra é de maguas
Um tetrico véo;

Ir triste e sósinho,
Lá sobre os rochedos,

Contar meus segredos
Ás ondas do mar;
E ouvir a tormenta
Que em roucos bramidos,
Meus pobres gemidos
Par'cia imitar!

Amei vêr das ondas
O surdo tumulto,
Das penhas o vulto
E a triste nudez;
E as vagas gigantes
Cobertas d'espuma,
Correndo—uma a uma
Morrer a meus pés!

Gostei de ir nos bosques,
Em tristes endeixas,
Soltar minhas queixas,
Cantar minha dôr;

E ouvir, lá na encosta,
Da rôla um gemido,
—Queixume sentido
De maguas de amor!

Amei um céo puro
Coberto d'estrellas,
Fulgindo tão bellas
Á luz do luar;
E as aves na selva,
Cantando saudosas,
Em noites de rosas,
Fadadas p'ra amar!

Amei! E que importa
Que volte o passado?...
Não tenho a meu lado
Quem possa dizer:
«Não chores! despréza
Teu louco receio;

'Stou junto a teu seio,
Que pódes temer?»

Ai! Era um presagio!
Vim breve a perdel-a!...
Se chamo por ella...
Não vejo ninguem!
—Distante! entre ferros!
Em vãs anciedades,
Se sentes saudades,
Eu sinto-as tambem!

CANÇONETA

(Augustó Luso)

Quiz retratar
Amor um dia
Marilia bella
De phantasia.

Compunha as tintas
Mais delicadas
Para imitar-lhe
Faces rosadas.

Emprega Amor
Todo o desvelo,
Não se recorda
Do seu cabello.

Dos curtos labios
Que beijos pedem,
Oh! não se lembra
Que tudo excedem.

Gasta mil horas
Em recordar
Dos meigos olhos
Um terno olhar.

Do níveo collo
Não dá co'os traços
Onde mil vezes
Cingira os braços.

As lindas fórmas
Já lhe esquecera
Do lindo seio
Onde nascera.

Desesperado,
Não atinando,
Larga os pinceis,
Fica scismando.

Mas de repente
Chega-se á téla
Como se visse
Marilia bella.

E satisfeito,
A mais formosa
De quantas póde,
Pinta uma rosa.

AUSENCIA

(Silva Alvarenga)

Musgosa e fria gruta,
Sombrios arvoredos,
De vós os meus segredos
Confia o terno amor.

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dôr.

Chorando a bella Glaura
Me teve nos seus braços:
Ah que tão dôces laços
Não viu jámais o amor!
Cruel, impio desterro!
Porque de bronze ou ferro
Me não formaste, amor?

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dôr.

Por mim nos verdes troncos
Teu nome foi gravado;
Crescia o nome amado,
Crescia o meu amor.
Agora entre suspiros

—⁂—

Na funebre espessura
Lamento a sorte escura...
Ai, misero pastor!

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dôr.

Nas lybicas areias,
Ou sobre as neves frias,
Com ella alegre os dias
Passára sem temor.
Mas longe dos seus olhos
Me assusta a morte avára,
E o mar, que nos separa,
Separa o nosso amor.

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dôr.

Sonora e branda a lyra
Das musas temperada,
Aqui serás deixada
Por victima de amor.

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dôr.

EXTASE

(Jayme de Seguier)

Entre as tuas negras tranças,
Entre os teus labios risonhos
Aninham-se as esperanças,
Volitam doidos os sonhos.

Nos grandes olhos profundos,
Cheios de casto esplendor,
Brilham dois astros, dois mundos,
Dois infinitos d'amor.

Da tua mimosa pelle
O colorido subtil
É segredo do pincel
Do louro Watteau — Abril.

Tens os mysterios suaves
D'uma ballada allemã;
Ao vêr-te, cantam as aves,
Os lirios chamam-te irmã.

Quando o teu olhar se expande,
Ás vezes fico assombrado
De caber alma tão grande
Em corpo tão delicado.

Lembram-me então os supplicios
Dos velhos monges ascetas,
Que rasgavam nos cilicios
As carnes febris, inquietas;

E iam depois de rastos
Prostrados, co'os olhos fixos
Poisar os seus labios castos
No marfim dos crucifixos.

E assim, melancólico, penso
Nas angustias ignoradas,
E sinto o extase immenso
Das almas despedaçadas.

AMOR

(M. Duarte d'Almeida)

Pensamento, fórma, sonho,
Nuvem, luz, realidade!
Inferno meu, tão risonho!
Sol de eterna obscuridade!

Traço de fogo maldito
Que um horisonte me finge
E de escuro se retinge!
Traço de fogo bemdito!

Palma de candida gloria
Pela qual suspirei tanto,
E verti tão largo pranto...
Deitou-m'a aos pés a victoria.

Ennodoou-se ao contacto
Do chão, onde a vi cahida,
E ficou já desluzida,
Bem como a Idéa no Facto.

E eu fui do pó levantal-a...
Na minha paixão immensa,
Não lhe notei a diff'rença,
E ainda pude adoral-a.

Adoral-a! Adoro-a ainda,
A minha unica gloria!
Verdade, mas illusoria,
Mentira, mas sempre linda.

Do Ideal, por quem suspiro,
És a fórmula indecisa,
E a indistincta balisa
Dos mundo a que eu aspiro.

Creio em ti, mas não te creio.
Mentes! E, entanto, a Verdade,
É só por ti que ella ha-de
Fecundar o humano seio.

Nem ha nuvem mensageira
De tanta luz creadora,
Nem ha, como tu, aurora,
Nem, sem ti, ha vida inteira.

Nem ha frescura tão dôce
Na calma d'estes caminhos,
Por onde vamos sósinhos,
Aonde a sorte nos trouxe.

Jorram perennaes auroras
Do teu olhar entreaberto,
Se ao longe pairas; se ao perto,
És impotente! descóras.

Impotente! oh! não! Tão forte
A seiva em teus membros corre,
Que não se estanca, não morre!
Só tu subjugas a Morte!

Se um dia os montes, os mares
Gemessem agonisantes,
A luz d'uns olhos amantes,
De dois amantes olhares

Trouxera de novo á vida
A Terra—mares e montes—
E, brotando, as sêccas fontes
A encontraram reflorida.

Amor! Amor! Verbo santo
Que a virgem, morta, murmura
Nas trevas da sepultura,
E ouve á campa: Amo-te tanto!

Riso eterno, que projecta
Em tudo a graça infinita,
Desde a alma, que palpita
Em cada coisa, ao poeta.

A vasta circumferencia
Que nem Deus mesmo ultrapassa,
E onde a flôr, que nasce e passa,
Deixa, eterna, a sua essencia.

—✥—

CANÇÃO

(* * *)

Ai, amor!
Poderoso encanto!
Resistir-te nem um santo
Póde tanto!
Que teu laço encantador,
Quando no peito se estende,
Tudo prende
E tudo rende.
Ai, amor!

Ai, amor!
Tu és mais forte,
Muito mais que a propria sorte,
Mais que a morte;
O teu fogo o mundo inflamma:
Arde em chamma
Quem bem ama.
Ai, amor!

Ai, amor!
Como és ingrato!
Por tua causa me mato,
Me maltrato,
Tendo em premio o teu rigor!
Ai que sina
Tão mofina!
Ai, amor!

Já não sei onde me leva
Este soffrer infinito...
Se me escondesses na tréva
Do teu cabello bemdito!

A MAGDALENA

(Nogueira Lima)

I

Cantára-te debaixo da janella,
N'uma noite d'abril,
A trova d'UMA FLOR que é tão singela
Como o riso infantil;

—❧—

Depois, se me lembrára a seguidilha
Que enlevado compuz,
Baixinho te dissera: «Dormes, filha,
E deixas-me sem luz?...

«Descerra os olhos teus... a claridade
Que me venha d'ahi:
—Eu sou um pobre cego e é crueldade
Tão só deixar-me aqui!

«Levanta a persiana da janella
Que o dia vai raiar...
Não é justo que durmas, quando véla
Quem veio p'ra cantar.

«—Se te dizem saudade estes harpejos,
Perdidas notas são
D'uma esp'rança, nascida entre os desejos
Dos bons tempos d'então...»

Cantára-te debaixo da janella
A HISTORIA D'UM AMOR,
Se a primavera, como outr'ora bella,
Me désse inda UMA FLOR.

A MULHER E O SOL

(F. M. Supico)

Deus fez d'uma só substancia
Duas bellas creações:
O sol, realce do mundo,
A mulher, dos corações.

Mal vivem milhões de sêres
Se o sol esconde o fulgor;
Ventura não goza o homem,
Da mulher sem o amor.

O bramir das tempestades,
O estampido dos trovões
Mais pavorosos se ostentam
Se o sol esconde os clarões.

Lucta o homem co'a desdita
Da sorte exposto aos baldões;
E as penas mais se lhe aggravam
Da mulher sem affeições.

De manhã a natureza
Sorri ao dôce arrebol
E chora quando o crepusculo
Esconde os brilhos ao sol.

Do homem primeiro riso
É p'ra quem lhe deu o sêr,
E seu pranto mais sentido
P'ra quem lhe adoça o viver.

Reverdece o roble annoso
Do sol ao brando calor,
E da planta o fresco viço
Se transforma em maga flôr.

A mulher dá vida á infancia,
Ao mancebo dá valor;
O homem que os annos curvam
Em seu regaço acha amor.

Donzella, ou cuidosa esposa
D'alta missão maternal,
É a mulher como o sol
Do mundo mago fanal...

Porque d'uma só substancia
Deus fez estas creações:
O sol p'ra encanto do mundo,
A mulher dos corações.

CHORA

(Delfim d'Almeida)

Não me escondas essas lagrimas
Que aos lindos olhos te vem;
Deixa cahir essas perolas
Nas rosas que as faces tem;
Porque choras sei-o bem...
Não me escondas essas lagrimas.

Chora, pois, que o pranto é balsamo
Quando n'alma punge a dôr;
Quando a vida corre placida
Não se chora, nem á flôr
Vem do rosto o dissabor:
Chora, pois, que o pranto é balsamo.

Mal ouviste o dobre funebre
Dos sinos, eis-te a chorar!
E logo nos labios rúbidos
Veio um suspiro expirar!
Começaste a descórar
Mal ouviste o dobre funebre!

N'esse rosto melancólico
Eu soletro o teu soffrer,
E nas lindas faces pállidas
Leio bem teu desprazer,
Leio, sim, porque sei lêr
N'esse rosto melancólico.

Tu choras, pombinha tímida,
Pela mãi que te morreu,
E pedes á Mãi Santissima
Não crimine o chôro teu,
C'os olhos fitos no céo
Tu choras, pombinha tímida!

Não me occultes essas lagrimas
Que aos lindos olhos te vem;
Deixa cahir essas perolas
Nas rosas que as faces tem;
Porque choras sei-o bem...
Não me occultes essas lagrimas.

FILTROS

(Cardoso e Silva Junior)

Eu não sei que poder mágico
O Senhor concede ás bellas!
Ás vezes basta-nos vêl-as
P'ra soffrer supplicio atroz.
Se Jove fez desatinos
Por uns olhos peregrinos,
Quando não sômos divinos
O que não faremos nós?!

—❦—

Emfim, o que é bello, esplêndido,
Tudo o que nos arrebata,
Uma belleza retrata
Das muitas que a mulher tem;
Se nos enlevam as rosas
É que são cópias formosas
De suas faces mimosas,
De seus encantos tambem.

E se á noite os astros fúlgidos
Meigos carmes nos inspiram,
É que os olhos seus pediram
Um raio da sua luz;
Se o rouxinol tem doçura
É porque imitar procura
Seus descantes de ternura,
Sua voz que nos seduz.

E além das graças mirificas
Que a mulher em si resume,

Tem d'alma o grato perfume
Que aos astros falta e á flôr:
Dôce aroma que inebria,
Canto cheio de harmonia,
Fóco immenso de poesia,
Que os homem dizem — amor.

FLOR DO DESERTO

(Leonel de Sampaio)

Porque veste a natureza
De tão vistosa plumagem
As aves, que se lamentam
N'esta remota paragem?

Porque deu á flôr silvestre,
Que maio cria nos montes,
A côr dos céos e o esmalte
Dos purpúreos horisontes?

—❦—

Porque deu viço á belleza
Do teu rosto deslumbrante
N'um ermo só conhecido
Pelo olhar do navegante?

Quem vos goza n'um deserto,
Ao resto do mundo alheio,
Thesouros d'amor perdidos
Da soledade no seio?

Que murmúra o mar e as ondas?
Que diz o vento do norte?
Estas ancias são de vida
Ou são presagio da morte?

Innocencia de olhar meigo,
Pelo mar bravo embalada,
Nós somos da mesma patria
Invisivel e encantada.

Ha sêres na sombra escondidos
Que nos vigiam, nos amam.
Eu no sentir o revelo,
Tu nos olhos, que me inflammam.

Tu qual fugaz lebre esquiva,
Flôr de mimosa belleza,
Tu rescendes aos perfumes
D'outra melhor natureza.

Tu das ondas confidente,
Com quem fallas todo o dia,
Que do sol, no seu occaso,
Adorna a melancolia;

Segredos de ignotos mundos
No olhar ardente promettes,
Vedados ao vulgo odioso
De pescadores e grumetes.

Ah! se os meus sonhos te enfadam,
N'esta vereda perdida
Me esconderei. Foge embora,
Porque já me déste a vida.

No mysterio da belleza
Quero adormecer absorto.
Se em vida nos separamos,
Comtigo me unirei morto.

Da candura a viva imagem
N'um mundo melhor me interna,
O mundo, onde a dôr não cabe,
Mas o gozo e a vida eterna.

ADEUS

(Ernesto Rebello)

Por noites serênas, na meiga guitarra
Cantando nas trévas cantigas d'amor,
Eu passo bem rente da tua janella,
Fitando as cortinas que luzem d'alvôr.

Talvez reclinada, feliz, indolente,
No leito macio nem penses em mim,
E sonhes delicias, n'um berço de rosas,
Nos beijos ardentes d'algum cherubim.

—❦—

Ai! vem á janella, não deixes, ingrata,
Findar-se este affecto sedento de luz...
Bem sabes que soffro, vem dar-me um sorriso
No manto da noite que lindo seduz.

Mas tudo repoisa, sómente das vagas
O longo gemido na briza passou...
O cume dos montes já tinge a alvorada
E a tua cortina cerrada ficou!

Adeus, minha virgem de faces morenas,
Desperta do somno que tanto velei...
Bem firme te juro que dôce vingança,
Das penas d'agora, mais tarde terei.

ARRUFOS

(Zaluar)

Olha, Elisa! Escuta, vida,
Não estejas tão sentida
N'esse chôro a soluçar;
Tem pena de mim, coitado!
Arrufos de namorado
São dôces de perdoar!

—❧—

Dizes que sou inconstante,
Que tenho já outra amante,
Que lhe dei a tua flôr...
Ah! louca! como és zeloza!
Não dei, não! Perdeu-se a *rosa*...
Mas como?... não sei, amor!

Tinha-a no peito guardada,
Procurei a malfadada,
Cahiu-me... talvez murchou...
E por isso tens ciume?
Que vale a flôr, se o perfume
Oh! não se perdeu, ficou?!

Levanta os olhos, minh'alma!
Acalma teu chôro... acalma...
Mal commigo? Ficar mal
Por uma desconfiança?
Não tenhas zêlos, criança!
Que não tens outra rival!

Não te escondas, sensitiva!
Abre o seio, flôr esquiva,
Á vida que o sol produz!
O tempo é curto!—e a ventura
É como o clarão que dura
Em quanto o facho dá luz!

Vem, que a tua face linda
Ficou mais bonita ainda,
Depois que empallideceu!
Levanta os olhos pisados,
Astros d'amor orvalhados
Pelas lagrimas do céo!

Oh! vem! que esperas? rendido
Não me vês? Não vês perdido,
Perdido de tanto amar?
Eu! a quem a idéa mata
De teus desprezos, ingrata...
Havia a *rosa* offertar?!

—❧—

Vem no meu peito anhelante
Reclinar-te. Do semblante
Afasta os cabellos; vem,
Que este coração altivo,
Morto para todos — vivo
É só teu, teu só, meu bem!

Tingiu-te o rubor do pejo
A face... Amor, e desejo,
Tudo sinto n'alma arder!
Agora sim, dôce enleio,
Perdoaste? Ou no teu seio
Vou criminoso morrer?!

A LUA

(Alberto Malheiro)

Luz tão grata!
Sol de prata,
Já tranquillo se retrata
No meu rio de crystal.
—Vens acaso, ó luz saudosa,
De oscular a face em rosa
Do meu amor?... entra o val'.

Filtra... filtra este arvoredo...
Espelha aqui n'esta fonte
Tua fronte...
Vem sem medo.

Mais... assim. Falla-me agora
Se acaso... ai, céos, que a não viste!
Esse olhar pallido e triste
Traz metade
Da saudade
Que me afaga e me devora!

VENEZA

(Alberto Telles)

Maravilhosa flôr
Pendida sobre as aguas,
Partilho as tuas maguas,
É minha a tua dôr.

O vento não enfuna
Teus pavilhões symbólicos,
Nem cantos melancólicos
Suspiram na laguna;

Nem brilha jovial
Em teu semblante angélico
O rir pantagruélico
Do gordo carnaval!

Cobre-te o corpo a tunica
Do teu santo adorado;
—Morres, cumprindo o fado,
Belleza augusta e unica!

Algum echo sympathico
Repete ainda os teus ais...
E pedra a pedra cáis
No fundo do Adriatico!

O CANTO DO PESCADOR

(F. L. Bettencourt Sampaio)

Na minha ygra vogando
Por estas ondas de anil,
Sentado na pôpa, sósinho scismando,
Desliso, cantando
As glorias que alembram meu patrio Brazil.

—•—

Por véla trago esta rama
De verdes folhas que vês;
A brisa soprando-a, de amores se inflamma,
E foge e derrama
Nos ares perfumes, mas volta outra vez.

Sinto fome? a rêde lanço,
Atiro a fisga e o anzol;
São tantos os peixes que apanho n'um lanço,
Que ás vezes me canço
De andar todo o dia debaixo do sol.

Mas em breve a quente calma
Vou nas aguas abrandar;
Já fresco e cantando dirijo minh'alma
Áquella que a palma
Promette de amores bem cedo me dar.

Qu'eu tenho por leito as aguas,
As estrellas por docel,
Na voz dôce canto, mais dôce que as maguas
Da rôla, que em fraguas
Soluça na ausencia do esposo infiel.

Ai! se da margem se mira
A garça no azul crystal,
E o collo nas aguas mergulha e retira,
Em quanto suspira
O vento nas folhas do escuro mangal...

Eu gemo triste a cantiga
Que mais falla ao coração!
Os echos respondem ao nome da amiga...
E n'alma se abriga
Mais pura, mais terna, mais dôce paixão.

E volto a vêr a choupana
Que o dia inteiro não vi;
Encontro nas praias sentada a indiana,
Que alegre, que ufana
Ao vêr-me se apressa, correndo p'ra mi!

Abraço-a; dá-me carinhos,
Dá-me do seio uma flôr;
Beijando-a, lhe entrego doirados peixinhos;
E ambos sósinhos
Alli nos ficamos, fallando de amor.

Mas logo corre ligeira
A vêr a mãi que a chamou;
Então lá de longe, parando, a trigueira
Me diz feiticeira,
Sorrindo, acenando: «Adeus, qu'eu me vou!»

E eu vivo, ai! n'esta vida
Mais feliz do que ninguem!
Minh'alma, de amores vivendo entretida,
Não busca perdida
Gozar d'esses luxos que o mundo contém.

Que assim nă ygra vogando
Por estas ondas de anil,
Deitado na pôpa, sósinho scismando,
Desliso, cantando
As glorias que alembram meu patrio Brazil.

LIVROS E FLORES

(Machado d'Assis)

Teus olhos são meus livros:
Que livro ha ahi melhor
Em que melhor se leia
A pagina do amor?

Flôres me são teus labios:
Onde ha mais bella flôr,
Em que melhor se beba
O balsamo do amor?

A ESPERANÇA

(Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro)

Ha uma nuvem mimosa,
Tenue, ligeira, doirada,
Como as que tinge o sol-posto
De vaga luz combinada.

Pequeninos, inda fracos,
Mal nossos olhos abrimos,
Acenando-nos risonha,
Logo entre sombras a vimos.

Crescemos, ella contente,
Bella, encantada; fagueira
Os nossos passos dirige,
É-nos fiel companheira.

Dormimos, ella constante
Vem deitar-se ao nosso lado;
Sonhamos, povôa os sonhos
Do seu reflexo doirado.

Somos triste, lacrimoso,
Triste véo lhe empana a luz;
Sorrimos, com brilho novo,
Novo encanto nos seduz.

Esta nuvem nossa amiga,
Nosso penhor de bonança,
Nosso esteio na desgraça,
Esta nuvem é a — ESPERANÇA!

*

É a esperança, dôce aurora,
Meigo presente do céo;
Só no mundo é desgraçado
Quem já de todo a perdeu.

MELANCOLIA

(Guerra Junqueiro)

Eu vou esplendida e calma,
Da luz no immenso diluvio!
Meu seio tornou-se effluvio,
O effluvio tornou-se em alma...

Dos astros o sorvedouro,
Profundamente arqueado,
É como um cedro vergado
Ao peso dos fructos d'ouro.

—❧—

Dormem os monstros e as feras
Ao pé dos lirios suaves;
Descanta a luz das espheras,
Rebrilha o canto das aves.

A lua, pastor bemdito,
Com seu rebanho d'estrellas,
Vai vendo se alguma d'ellas
Se perde pelo Infinito.

Sonha a flôr, lampeja a vaga,
Astros, alma, pensamento,
Tudo se abysma e se alaga
No grande deslumbramento!

AMO-TE!

(A. Moutinho de Sousa)

Donzella, tu não sentiste,
Quando ao mundo o peito abriste,
Quando enlevada sorriste
Primeiro riso d'amor...
Não sentiste no teu peito,
Ás doçuras só afeito,
Um prazer... mas contrafeito...
Uma alegria... com dôr?...

—❦—

Tua alma não receava?
O teu peito não queimava?
Teu coração não pulsava?
Teu sorriso emmurcheceu?
É que tu n'esse momento
Sentias agro tormento,
Sem saber, no pensamento,
Traduzil-o, como eu;

Como eu, que torturado,
Vivo só, abandonado,
Na saudade acalentado
Pelo ardor d'uma affeição;
Como eu, fiel captivo
Que por ti sómente vivo;
Como eu, que tenho altivo
Um prazer na escravidão.

Sim... d'amor escravisado,
De seus ferros carregado,

Não temo ser sepultado,
Pela dôr, na escuridão;
É meu carcere o teu peito;
N'elle vivo satisfeito,
Sou escravo, e tenho preito,
Tendo em ti uma affeição.

Eu senti o que sentiste,
E sorri, quando sorriste;
Quando a amor teu peito abriste,
Meu peito se abriu tambem:
Se ao fallar d'amor tu córas,
Eu chóro quando tu choras;
Eu te adoro — pois me adoras,
E não amas mais ninguem.

TRISTEZA

(Soares de Passos)

Extingue-se o anno. São findos os dias
Que á terra offertaram benefica luz;
O inverno se c'rôa de nevoas sombrias,
E as rijas tormentas aos valles conduz.

O rio em torrentes inunda as campinas,
As veigas perderam seu flóreo matiz;
Pesada tristeza reveste as collinas,
E as selvas que ha pouco sorriam gentis.

De tudo que vejo na pállida imagem
Meus olhos descobrem sympathica dôr;
Apraz-me este luto que veste a paizagem,
Convem-me estes quadros d'extincto verdor.

Tambem uma quadra de dias formosos
Em céos de ventura gozei uma vez...
Foi só um momento: seus rapidos gozos
Passaram qual nuvem que o vento desfez.

Quão rico de encantos o tempo corria!
Quão triste o presente, quão pobre ficou!
Só resta a saudade, qual vaga harmonia
Que uma harpa nocturna de longe soltou.

Mas essa que vale perdida a esperança?
Que vale o passado, se já não é meu?
Ao lirio pendido que importa a lembrança
Da aurora suave que aromas lhe deu?

Um dia outra quadra mais bella e mais pura
Virá de boninas ornar os vergeis;
Mas vós, ó meus tempos d'amor e ventura,
Sois findos p'ra sempre, jámais voltareis.

Sondando o futuro, minh'alma conhece
Que os plainos da vida já rosas não tem...
Já tudo declina, já tudo fenece,
O sol da ventura, e a esp'rança tambem.

Té mesmo em meu peito, se algum inda resta
Do fogo da vida, se extingue o calor:
Meus dias declinam qual raio da sésta
Que doira as montanhas com tibio fulgor.

Se tudo, ah! se tudo findou co'o passado,
Se as trevas se estendem nos céos do porvir,
Que esperas, ó morte? meu seio agitado
Te pede o repoiso do eterno dormir.

Que importa que a vida tão cedo succumba?
Extincto o futuro, finou-se o viver:
No fim da carreira, que existe? uma tumba...
Perdida a esperança, que resta? morrer!

O REMORSO

(Marcellino de Mattos)

Em rosal vedado eu vira
Linda rosinha a florir:
P'ra gozal-a mais de perto
Fil-a d'um golpe cahir.

Na hastea pendida, eis que murcha,
Desbota-lhe a rubra côr,
Da vida secca-lhe a seiva,
Morre-se a pobre da flôr!

Sem brilho, sem côr, sem vida...
Quem podéra amal-a assim?
Eu não pude — e longe d'ella
Chorei por ella e por mim.

Por mim... tambem, que o remorso
Não deixa a dôr abrandar,
Se o réo, que o crime esquecera,
Vem a saudade accusar!

Indice

Pag.

Dedicatoria.. 5
Duas palavras.. 7
A rosa (Alexandre Herculano)............. 13
Barca Bella (Garrett)........................ 17
Serenata (Simões Dias)..................... 19
A andorinha (Castilho)..................... 23
Vita nuova (Guerra Junqueiro)............ 26
Minha barca! (Thomaz Ribeiro)........... 31
A partida (Soares de Passos).............. 35
Lyrica (João de Deus)...................... 39
A lua de Londres (João de Lemos)........ 42
A borboleta (Bocage)........................ 47
Chora! (C. C. Branco)...................... 49
Na campa da virgem (Junqueira Freire)... 53
Tres flôres (Coelho Lousada).............. 55
O baile (Pinheiro Chagas).................. 57
O cedro da montanha (Mendes Leal)....... 60
A'manhã (Bulhão Pato)...................... 63
Trigueira (Julio Diniz)...................... 66
A confessada (Palmeirim).................. 70
Um sonho (Faustino de Novaes)........... 74
A alvorada (Candido de Figueiredo)....... 80

Pag.

Amor (Ramalho Ortigão)................. 84
Ermelinda (J. Pinto Ribeiro).............. 89
Destino (Augusto Soromenho)............ 91
A avó (Guilherme Braga)................. 93
Vida ou morte? (Antonio Corrêa).......... 97
Perdão! (Anthero de Quental)............ 100
Olhos verdes (Gonçalves Dias)............ 103
Canção (Gonçalves Crespo)............... 107
Saudades (Casimiro d'Abreu)............. 110
Sê minha! (Alexandre Braga)............. 114
A rosa (Gomes d'Amorim)................ 116
Anjo d'amor (Eduardo Augusto Salgado)... 118
A segadora (Eduardo Vidal).............. 121
A vareira (Pinheiro Caldas)............... 124
De dia (Cunha Vianna)................... 129
Sem norte (Alberto Pimentel)............ 132
Canção do marinheiro grego (Theophilo Braga).. 134
Despedida (Julio Cesar Machado).......... 137
És minha (Dias d'Oliveira)................ 139
O rouxinol (Sousa Viterbo)................ 142
Por ti! (E. Pinto d'Almeida).............. 147
Amor (Alvares d'Azevedo)................ 149
Lyrica (Thomaz Gonzaga)................ 151
Os cinco sentidos (Garrett)............... 155
A voz (Alexandre Herculano)............. 158
Canta que eu chóro (Simões Dias).......... 164
Dever (Gomes d'Amorim)................. 167
Canção (Soares de Passos)............... 172
Scena intima (Casimiro d'Abreu).......... 176
Saudades (Thomaz Ribeiro)............... 181
Nuvens da tarde (Anthero de Quental)..... 183
Morte de amor (Lobato Pires)............. 186
Luz e trevas (Manoel Roussado)........... 188
Amor sem fim (Faustino de Novaes)....... 191
Adormecida (Palmeirim).................. 195
beijo (João de Deus)................... 199

Pag.

A flôr e o lago (João de Lemos)........... 204
Phantasia (Alfredo Campos).............. 206
Á luz (Manoel d'Arriaga)................. 208
O filho das florestas (Zaluar).............. 212
Conselho a Julia (Francisco Palha)......... 215
Contemplação (Mendes Leal).............. 218
Amor perfeito (Casal Ribeiro)............. 225
As andorinhas (Nunes da Ponte)........... 228
Serenata (Macedo Papança)............... 231
D. João e Elvira (Claudio José Nunes)..... 235
O pastor moribundo (Alvares d'Azevedo)... 238
A madrugada (E. Pinto d'Almeida)........ 240
Supplica (Eduardo Vidal)................. 243
No mar (Bulhão Pato).................... 247
Rosa das tres folhas (Ernesto Marecos).... 251
Rosa no mar! (Gonçalves Dias)............ 254
Consuelo (L. Guimarães Junior)........... 259
O canto da serrana (F. L. Bettencourt Sampaio)................................ 262
Estrellas (Guilherme d'Azevedo)........... 269
Canção de amor (J. de Sousa Andrade).... 272
Se choras (Alberto Malheiro).............. 275
As ventoinhas (Machado d'Assis)........... 277
Olhos pretos (Sousa e Silva)............... 280
Transfiguração (Guerra Junqueiro)........ 282
Noites de verão (Adriano Anthero)........ 286
Cysne (Alexandre da Conceição)........... 289
Canção (Vasco de Leomil)................ 293
Ballada (Guilhermino Augusto)............ 295
Riso de virgem (J. Pinto Ribeiro)......... 298
Os remadores (Pedro de Lima)............ 302
Martyrio (Junqueira Freire)............... 305
Saudades (Augusto Soromenho)............ 308
Cançoneta (Augusto Luso)................ 313
Ausencia (Silva Alvarenga)............... 317
Extase (Jayme de Seguier)................ 321
Amor (M. Duarte d'Almeida)............. 324

Pag.
Canção (* * *)............................ 329
Rondala (Joaquim d'Araujo)............... 331
A Magdalena (Nogueira Lima)............ 336
A mulher e o sol (F. M. Supico).......... 339
Chora (Delfim d'Almeida)................. 343
Filtros (Cardoso e Silva Junior)............ 346
Flôr do deserto (Leonel de Sampaio)....... 349
Adeus (Ernesto Rebello).................. 353
Arrufos (Zaluar).......................... 355
A lua (Alberto Malheiro).................. 359
Veneza (Alberto Telles)................... 361
O canto do pescador (F. L. Bettencourt Sampaio)................................... 363
Livros e flôres (Machado d'Assis).......... 368
A esperança (Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro)................................... 370
Melancolia (Guerra Junqueiro)............ 373
Amo-te (A. Moutinho de Sousa)............ 375
Tristeza (Soares de Passos)................ 378
O remorso (Marcellino de Mattos).......... 382